

Osório

PINDORAMA



Coronel Juvenio Maximiliano Lemos

ANNO I — PORTO ALEGRE. MARÇO 1927 — N. 12

Fabrica de Tecidos de Lã
„São Pedro“

Chaves Irmãos & Cia.

— CAXIAS —

Fabricantes de casemiras, sarjas, flannels, baetilhas,
pannos, chales, ponches, palas, capotes, cobertores, etc. etc.

ESPECIALISTAS EM PANNOS MILITARES

Unicos fabricantes da afamada *Lã Merino Castor*,
— para toda sorte de malharias. —

Unicos depositarios: **Chaves & Almeida**

Rua Uruguayana, 4 — Tel. 4767 — Caixa 276 — P. ALEGRE

LOTERIA

do

Estado do Rio Grande do Sul

Em beneficio de casas de caridade e estabelecimentos pios do Estado

Distribue 75% em premios

Extração feita em globos de crystal e bolas numeradas por inteiro

Premios maiores de

100, 200, 500 e 1000 contos

Caixa do Correio n. 590 — Endereço telegr.: «Cunhaleite»

Administração: Rua dos Andradas 445 A — Porto Alegre

Os concessionarios: **Cunha, Leite & Cia.**

A NOSSA HOMENAGEM

Fiél ao seu programma, *Pindorama* continúa homenageando os vultos que se hajam destacado, na vida publica, por serviços de alta valia, prestados á Patria. E o nosso homenageado de hoje, Coronel Juvencio Maximiliano Lemos, cuja photographia illustra nossa pagina de honra, é uma dessas personalidades benemeritas, pois consagrou toda sua mocidade ao serviço do Estado e da Republica, nos longos 37 annos em que esteve em actividade nas fileiras da Brigada Militar.

O Coronel Juvencio fez, como tenente, toda a campanha revolucionaria de 1893-95, sendo um dos heróes da estupenda defeza de Bagé, durante o memoravel sitio dessa cidade por numerosa columna revolucionaria. Tomou parte nas operações contra os ultimos movimentos revolucionarios, tendo em 1923 commandado a Brigada Provisoria do Sul, e em 24, 25 e 26, o 4º batalhão de infantaria montada e varios sectores militares, confirmando sempre, nessas elevadas missões, os seus credits de chefe competente e bravo.

Homem de vasta illustração, possuidor de inestimaveis dotes de character e de coração, militar brioso, commandante de alta capacidade profissional,—o Coronel Juvencio Maximiliano Lemos era figura de destacado relevo na Brigada Militar, que com pezar viu-o afastar-se do seu serviço activo.

Reformando-se, depois de tão longo periodo de serviços, prestados com inexcédivel dedicação e raro brilho, o Coronel Juvencio deixou, entretanto, em cada camarada da Brigada Militar, um amigo dedicado e leal. *Pindorama* tem, pois, especial prazer em prestar-lhe esta homenagem de affecto e admiración.

Ladrões

Singular espectáculo o de um vaso que quanto mais liquido recebe, menos contém. O da maré, que quanto mais agua junta, mais rasa está. O de um reservatorio que quanto mais se enche, mais vazio se acha! E' de se aturdir a gente. Mas a chave do enigma, não ha bestunto ahi que com ella não dê sem trabalho. Quando os canos suppridores borbotam em cheio na caixa, e todavia o nivel do liquido recolhido vac minguando no receptaculo, claro está o negocio: ha ladrões pelo fundo.

Oh! senhores, não vos horrorize o nome. Quem seria capaz de supprór que na administração publica houvesse ladrões? Longe, longe de mim tal pensamento, mas a publica administração tambem está sujeita ás leis da physica, e o caso é um desses, que o bombeiro alli da esquina não coçaria a cabeça para destrinçar. Se os tubos por cima despejam cada vez mais no collecter, e o liquido no collecter vac descendo em vez de subir, não se ha mistér de mandar pôr enfendeiros. Qualquer funileiro vos resolverá o problema. E' que no deposito ha ladrões por baixo. Ladrões! Entendi-me bem: fallo de ladrões em sentido tecnico, da mesma sorte como qualquer obreiro em trabalhos hydraulicos vos fallaria. Ladrões não são ahi essa feia coisa que andaes a maliciar.

Os ladrões são uns furos na base da caixa d'agua ou aos seus lados, mas orificozinhos calados e dissimulados, talvez postos alli de industria talvez abertos da ferrugem, em sua accão furtiva e continua; e, se são muitos, não ha mãos a medir na escapa. Ensanchem quanto quizerem a boia ao reservatorio golfin, e tudo o que der o encanamento será tempo perdido. Quanto lhe metterdes pela entrada, tanto lhe surripiará e esvasiará por esses desvios subteis, cuja obra ninguém vê, mas zomba da vossa.

E será só ahi que ha ladrões? Passemos da physica ao mundo vivo. Demos um olhar ao reino das plantas. São creaturas viventes e poderiam defender-se. Mas os ladrões as comem, e ellas não lhes resistem. Correi o jardim ou o

parque. Lá estão pompeando uns vistosos enxertos. Aqui no primeiro encontro uma roseira. Alli uma vide. Acolá no laranjal, um garrido exemplar de laranjeira já em flor. Mas descei a vista, descei-a até o pé, até á beira da raiz. Não divisaes aqui no caule, quasi pegando com a terra, aquelle olho, que se começa de abrir? Não estaes vendo alli, esgueirando-se da cepa, que o deixa romper, esse rebento ainda tenro, mas já erecto? Não reparaes acolá naquella vergonteia, que de junto ao chão rasgou a cortiz da laranjeira, cresce para cima, empinada, coroando-se dos primeiros foliolos, em alvoçoço no verde claro das suas esperanças? Pois, senhores, ladrões, nem mais, nem menos, que ladrões: deixem-n'os vicar, deixem-n'os medrar, deixem-n'os trepar, e não ha que ver — absorverão toda a seiva. Morreu o enxerto, desandou a laranjeira, desmedrou a videira, desviueu a roseira, e á custa dellas encarpamos os ladrões, enrijaram os ladrões, enfolharam, bracejaram, vingaram os ladrões. Nem ha poder que delles se salve, se lhes facilitam os encartes e não cortam as vasas.

Haverá mais poderosa possança que a do rio, cujas matizes bebem na serra das aguas do céu, e de cuja caudal é tributario todo o sólo da redondeza? Pois arrumae-lhe com uns ladrões-sinhos ao curso, ide-o sangrando. Ninguém dá por isso, tanta é a agua! a torrente é tamanha! Mas, sangria aqui, sangradura acolá, e no fim de contas que é do rio caudaloso? Lá se vac arrastando, pobre regato ou corrego desprezado. Esvasiaram-n'os as sangrias, sorveram-n'os os ladrões.

Já se viu magestade maior que a das cataratas, cujas quédás, saltos e cachões vêm abalandando a serra; cujos trons ribembam pelos valles; cuja força captada vac dar vida a cidades? Mas lá lhe surde ao lado um moinho; lá se lhe introduz no flanco uma azenha; lá lhe desvia um traço a rega de uma lavoura; lá lhe abre uma veia o serviço de um engenho; lá lhe rasgam uma valla as enxurradas. Esperem e verão, ao cabo de tanto furto, de tanto desfalque, de tanto surrapeio: que noticias nos darão das cachoeiras e catadupas? Apenas escorrem, apenas gottejam, apenas sussurram, apenas molham os rochedos, agora quasi seccos e tristemente negros, que ainda ha pouco tremiam aos seus baques, resoavam aos seus trovões, branquejavam prateadas ao borbulhar das suas ondas de crystal. Foi-se a torrente, que reinava sobre montes e valladas. Mas porque? Beberam-n'a ladrões. Engoliram-n'a ladrões. Tragaram-n'a ladroes.

Assim é que elles não descem precipicios, não escancaram sorvedouros, não cavam abysmos, não commettem brigas, não affrontam curiosidades. Agoram como o crivo, ou como a peçeira. Não se violenta, não se arromba, não se destroça. Mas o envoltorio covinhado verte o conteúdo por mil fugas, esguicha, porjea e se esvasia. Eis como operam os ladrões, invisiveis, no seu reconditorio, a sua arte de formigueiro.

Ruy Barbosa.



Peitoral de Mel,

Guaco e Agrião

Excede na rapidez de seus efeitos a qualquer outro.

Cura em poucas horas: constipações, tosse grippal, bronchite, asthma, coqueluche, traqueite, catarro, rouquidão, dores nas costas e no peito.

A. LEIVAS LEITE - Pelotas

À VENDA EM TODA A PARTE





Aviação



Para "Pindorama"

Aparece como que uma arvorezinha a brotar do seio da terra, depois de todas as esperanças perdidas, dado o longo tempo que passou, entre a plantação do grão e o seu nascimento, — a aviação.

Idealizada no Brasil, por gente brasileira, por um patriota cheio de entusiasmo, de glórias e de valor, por longos annos, esteve esquecida num canto, como uma roupa velha guardada pela significação dos serviços já prestados, — a aviação brasileira que, agora, graças ao interesse dos governos surge, dominando como uma moda feminina — a dos cabellos cortados, por exemplo — a arranjar adeptos de todas as crenças, de todas as idades e em todos os cantos do Brasil.

Horizontes novos, portanto, se apresentam aos interessados por ella, na Patria.

E factos que sómente os jornaes estrangeiros publicavam, já os nossos os podem divulgar.

Ministros e generaes viajam e inspecionam dependencias de seus ministerios e de suas guarnições, utilisando — a aviação, como meio de transporte, efficiente e rapido.

Ha bem pouco S. Excia. o Senhor Ministro da Viação, Dr. Victor Konder, fez uma magnifica viagem em hydroplano, do Rio a Florianopolis, demonstrando, assim, o seu interesse pelo desenvolvimento da aviação entre nós, e tambem S. Excia. o senhor General João Lopes de Oliveira Lyrio, commandante da 5ª Brigada de Infantaria, aqui sediada, partiu desta cidade, em aeroplano, indo até Passo Fundo e Cruz Alta, inspecionar os corpos que fazem parte de sua guarnição.

E, que exemplos magnificos como esses, sejam o inicio de nova era para a aviação nacional, que neste momento empolga-nos com o seu desenvolvimento, embora apparente, são os nossos desejos.

Infelizmente, porém, temos a lamentar uma cousa. E' que os nossos homens não se lembram do valor e da energia de cada patriota seu, e os esquece, muita vez. Agora vimos a installação, entre nós, de linhas aerreas por companhias estrangeiras. Está mui bem, é permitido e aceitavel isto, já que os nossos capitães não podem ou não querem se distrahir nos azares da aviação — ou melhor, numa nalavra, não temos capitães! . . .

Mas, aviadores temos, e temo-los iguaes aos estrangeiros, cheios de entusiasmo, de amor á aviação, e de conhecimentos technicos efficientissimos e preciosos.

E porque estas companhias não contractam aviadores brasileiros? Porque o governo não lhe impõe a clausula de, no minimo, dois terços do pessoal navegante ser brasileiro?

E', pois, humilhante e vergonhoso, para nós, brasileiros, vermos os nossos patriotas, os nossos irmãos, assim despreziados.

Mas, resta-nos uma esperanca e esta está na administração benefica do Exmo. senhor Presidente da Republica, Dr. Washington Luiz, que, por certo, procurará um meio digno de solucionar a questão da aviação, entre nós, como o tem feito, já creando no Exercito a quinta arma, já facilitando companhias estrangeiras na sua installação aqui. E, caros leitores, se se juntarem as energias ferreas e emprehendedoras de S. S. Excias. os Snrs. Presidente da Republica e Ministro da Guerra, em proveito da aviação, então, poderemos crer e proclamar — teremos aviação no Brasil.

Ave aviação!

Santa Maria, fevereiro de 1927.

Nocmio Ferraz



EXIJA sempre os artigos militares

— DO —

PALAIS ROYAL

Esteves Barboza & Cia.

ANDRADAS 188

PHONE 4365

PORTO ALEGRE

ESCREVA-NOS, ENVIAMOS ENCOMMENDAS PARA O INTERIOR.

99 PINDORAMA 99 SOCIAL

ANNIVERSARIOS DO MEZ

Festejam seu anniversario natalicio, no corrente mez, os nossos amigos e assignantes abaixo:

A 1—O Tte. Cel. Raymundo Gomes Netto, commandante do 28º C. A. e o ten. Fernando Hoffmeister, do 1º R. C.

A 2—O sargento João Ribeiro, do 3º Bd.

A 3—O major Pedro Ozorio de Lima, do 10º C. A. e o tenente Ignacio Hemeterio Soares, do 1º R. C.

A 4—O cabo Cassemiro Krawisky, do 1º R. C.

A 5—A senhorita Nadyr Guerreiro, o deputado federal General Dr. José Antonio Flores da Cunha e o 1º sargento amanuense Gerdano de Abru.

A 6—O dr. Amaury Lenz, medico residente em Sta. Maria e o sargento Augusto Soares de Campos, do 1º R. C.

A 7—O tenente Thomaz de Aquino Pontes, nosso representante no 4º Btl. e o sargento Japyr Barreto, do 1º R. C.

A 8—Os sargentos João de Deus Ferreira, e Edelviro Guedes Penteado, do 1º Bd.

A 10—O Tte. Cel. Jeremias José Tavares, do 3º Bd.

A 11—O sargento Julio Feijó, do 8º C. A.

A 12—Os capitães Christiano José Bocarny, do 1º Btl. e Galdino de Barros, nosso representante no 10º C. A. e o sr. Antonio Ribeiro Nardes, residente em Rio Branco.

A 13—Os Ttes. Pericles de Oliveira Feijó, do 2º Btl. e Leoncio Xavier, do 1º C. A. e a menina Irene, filha do sargento Saturnino dos Santos.

A 14—Os tñentes Julio Laurindo Machado, do 2º R. C., Aureliano Siqueira Gomes, do 1º R. C. e Pacifico Fagundes de Carvalho, do 10º C. A., e o sargento Lourival Rodrigues Sobral, dos Servicos Auxiliares.

A 15—O Tte. Longuinho Trindade da Costa, do 1º C. A.

A 16—O sargento Gomerindo Ayres da Silva, do 28º C. A.

A 17—O 1º tenente pharmaceutico Joao Patricio Ramirez, e a praça Anastacio Moreira, do 1º R. C.

A 18—Os tenentes Marino Soares da Silveira, do 2º Btl. e Pery Hoonholtz, do 26º C. A., e a praça Almeron Gonçalves de Aragão, do 1º R. C.

A 19—Os capitães Conrado Abarno, nosso representante no 26º C. A., e José Fagundes, do 2º C. A.

A 20—O professor Antonio Fontoura Ilha, residente em Sta. Maria.

A 21—O sargento Wandelkok Barreto, do 10º C. A.

A 22—Os sargentos Celestino Menezes, do 1º Btl. e Victor Rodrigues da Silva, do 18º C. A., amanuense Ivo Martins, e o cabo Belmiro Moraes, do 1º R. C.

A 23—O tenente Florisbal Ribas, do 2º C. A.

e os sargentos José Felix Ferreira, do 1º R. C. e Nicanor Nunes, do 10º C. A.

A 24—O 1º sargento amanuense Francisco de Paula Fernandes, e o dito Manoel Martins Guterres, do 1º R. C.

A 25—O sargento Maximiliano Victor Colvero, do 1º R. C. e a menina Enequina, filha do sargento Saturnino dos Santos.

A 27—O cap. medico Dr. Attila Vinhas, do 10º C. A. e o ten. Olavo Alves, do 2º R. C., o sargento Antão Barboza Rangel, do 18º C. A. e a praça Fernando Ribeiro de Castro, do 3º Btl.

A 28—O tenente Olympio Pereira Gomes, dos S. A. e a praça Manoel Rocha, do 2º R. C.

A 30—O tenente João Guimarães, do 3º Btl.

Noivados

Contractaram casamento o nosso amigo, 1º Tenente Antonio Victor Menna Barreto, academico de medicina, e a senhorina Genny F. Pinto, dilecta filha do Sr. José H. Pinto, fazendeiro em Tupacretan. Nossos cumprimentos.

O sr. dr. Arnaldo Ferreira e a senhorinha Clelia de Andrade Leão, filha da Exma. Sra. Dona Mathilde de Andrade Leão, participaram nos seus contracto de casamento.

Parabens.

A arte militar na Grecia

ANNIBAL MASCARENHAS

Foram os gregos os verdadeiros criadores da Arte Militar; chamou-lhes Xenophonte, por causa disso, os *artistas da guerra*, fallando especialmente dos habitantes de Sparta.

Antes destes não havia nenhuma ordem de combate: os soldados seguiam apenas o carro do General e batiam-se desordenadamente, cada qual armado a seu modo.

Os sparthanos armavam os seus soldados com espadas e lanças, dando-lhes como elementos de defeza, o escudo e a couraça, além do capacete. Foi adoptada a divisão do exercito em regimentos, companhias, batalhões e brigadas, guardando-se para o commando uma hierarchia pouco mais ou menos approximada da actual.

No momento da peleja collocavam-se os soldados em *filas* de oito de fundo, bem comprimidus, uns contra os outros, formando a *phalanx*. Cahiam sobre o inimigo, em columnas cerradas, á semelhança do que se faz hoje com as cargas de bayoneta.

Tal systema foi logo imitado pelas outras cidades gregas; seus guerreiros armavam-se em *hoplitas* (lanceiros) e combatiam em *phalanges*, levando grande vantagem sobre os soldados dos outros povos, que pelcjavam isolados.

Os fructos dessa admiravel organização manifestaram-se logo nas estrondosas victorias de *Marathona* e *Platêa*.

PINDORAMA

REVISTA PERIODICA ILLUSTRADA

Anno I

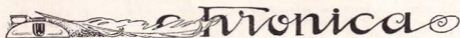
PORTO ALEGRE, Março de 1927

Num. 12

Assinatura annual :
15\$000

Directores-
proprietarios : Capitão Antero Marcellino da S. Jor.
Tenente João Martins de Oliveira
Secretario da redação: Tenente Aldo Badeira Ribeiro

Numero avulso :
1\$500



Um telegramma do Rio de Janeiro, publica-
do na imprensa local, informa que o ministro da
Marinha officiou ao ministro do Exterior, scien-
tificando-o de que o capitão de fragata José Ma-
chado Castro e Silva foi incumbido por aquelle
Ministerio de proceder, em Dalcar, á exhumação
dos restos mortaes dos officiaes e sub-officiaes,
inferiores e praças fallecidos na divisão naval
em operações de guerra, em 1918, e de trazer
os seus despojos ao Rio, em navios do Lloyd
Brasileiro, devendo o capitão Castro e Silva pas-
sar tambem no porto de S. Vicente, com o mes-
mo objectivo.

Embora tardio, é merecedor de todo o ap-
plauso, esse acto do ministro da Marinha, pro-
movendo a repatriação dos restos dos bravos
marinheiros, victimados longe da Patria querida,
em defesa da sua honra immaculada.

Os brasileiros que óra dormem o último
somno no seio da terra africana, fertilizando-a
e honrando-a com a hospedagem de heróes, não
cahiram, é certo, no fragor da peleja, no impeto
delirante de um ataque ou no stoicismo de uma
defesa, porque a isso não os conduziu o destino
insondavel, mas nem por isso são menos dignos
da nossa veneração.

Longos mezes passaram sob o céu extran-
geiro, perdidos na immensidade dos mares, sem-
pre impavidos e fortes, a espreita do inimigo,
mostrando, ao mundo, toda a exhuberancia de alti-
vez e de coragem que vae na seiva do nosso povo,
amante da paz, mas intrepido e invencível, quan-
do na desafrota dos brios de sua patria. Sublim-
es de enthusiasmo, viram chegar o estertor su-
premo, em pleno serviço de guerra, elevando bem
alto o nome de sua terra, cuja soberania offen-

dida desaggravavam, e pela qual estavam dis-
postos a derramar a gota derradeira de seu san-
gue precioso!

Prepare-se o Brasil, festivamente, para re-
ceber os filhos amados, que regressam sem
a animação da vida, mas grandes e trium-
phantes dentro de seus esquivos, onde as flores
da saudade se misturam com os louros da gloria!

Sim, festiva seja a recepção das reliquias dos he-
róes, que são motivo de justo orgulho para o Brasil!

Na immobilidade rigida da morte, receberão
elles as boas vindas de seus patricios e as
bençãos e lagrimas de suas mães, de suas es-
posas, de seus filhos queridos, que já terão jun-
to a si, os restos de seus bem-amados, depo-
sitados em tumulos que serão altares da honra,
da bravura e do dever!

Não deve, porem, ficar ahí a reparação aos
nossos bravos. Outros brasileiros repousam es-
parsos pelos nossos sertões, longe do pago que-
rido, sem poderem receber as homenagens a que
têm incontestavel direito, pela sua acção em
pról da Patria.

Nós riograndenses do sul, especialmente, te-
mos tantos bravos que anseiam por descansar
na terra nativa, no seu cantinho amado, onde
passaram os dias de sua vida, e onde os espe-
ram corações cheios de saudade.

A Brigada Militar, nos varios Estados brasi-
leiros, onde combateu a rebeldia, escrevendo pa-
ginas fulgurantes de bravura, muitos valentes dei-
xou, victimados pela morte, que nunca temeram.

Promovamos, pois, a vinda dos despojos dos
nossos heróes, que bem merecem um punhado
da terra gloriosa do Rio Grande, onde o seu
somno será feliz e ameno!

ENERGIA



(Por José Ingegneiros)

Tenhamos domínio sobre a nossa vontade. Movimentemo-nos com intelligencia proveitosa.

A inercia é ferrete que ao homem subalterna e deprime. A inactividade sobre fazel-o recuar na escala animal, apresenta-o como um covarde da Acção.

A ociosidade intorpece-o e o transmuda em sombra, que mal se debucha, delida em esbatiemento de anonymato mesquinho.

O indolente nega-se a si proprio, porque, renunciando á luta, renuncia ao direito de viver.

Aproveitemos os poderes que nos foram conferidos. Actuemos sem vacillações.

Si podermos ser fagulha, sejamos chamma que ascende e crepita, fogo que purifica, tempera e molda; em logar de ferro amorpho e bruto tornemo-los lamina de sabre, ao lado do Direito; fiel de balança de justiça; marco de fronteira; relha de arado, sulcando o sólo no preparo da sementeira.

Querer é proceder.

Toda ideia implica movimento.

Que bem podemos fruir de um ideal que não alcança as fronteiras do concreto!

Os lagos que apresentam enganadora miragem saciam por ventura as caravanas do deserto comburento?

Nada vale afargamos na mente um ideal querido! O justo, o consentaneo, o necessario é combatermos a morbidez das irresoluções; é trabalharmos; applicarmos nossos esforços, para alcançarmos sua realisação. Si ao homem foi dado elaborar seu proprio destino, elle pôde dispôr de todas as forças; cercar-se de todas aquellas virtudes que recamam e exaltam-lhe o caracter; pôde-se felicitar por suas energias e á sociedade em que assiste.

E', portanto, miseravel, aquelle que malbarata sua dignidade; é escravo relapso quando forja, no abandono de si mesmo, os grilhões em que se prende; é cego, sem direito á compaixão, quando deprecia a cultura e as luminosidades do saber lhe não offuscam; é suicida, enfim, quando não procura affastar a taça dos venenos que do vicio lhe propinam.

De nenhum effeito é, certamente, invectivarmos a fatalidade visando justificarmos nossa negligencia. Melhor será, em tribunal de consciencia, nos interrogarmos: Laboramos com firmeza, quando dispunhamos de todo o vigor de nossa alma? Reflectimos maduramente antes de

agirmos? Empregamos potencial de vontade ao realisarmos nossas acções?

A energia não se pondera em dynamometros — é pensamento convertido em força intelligente!

O movimento que não deriva de reflexão é automatismo!

A ideia que não se traduz em facto é fantasia.

Homem! não te agites sem que hajas pensado; não penses no que não pretendes realizar.

O primeiro mandamento da lei humana é aprender a pensar; o segundo executar quanto se ha pensado. Cumpril-os é evitar desperdicio de energia, não ter fracassos a lamentar na vida: para bem agirmos, bem pensarmos; acções mal reflectidas, acções mal succedidas!

Si na escala animal és o typo mais perfeito; si gosas de privilegios como nenhum outro, por isso mesmo te não ficam justificativas para te deixares confundir com as creanças, que atiram pedras ao sol nascente, porque não sabem computar a distancia que as separam do Astro Rei.

Não se atrapalha quem aprendeu a medir as cousas em que applica a sua energia; não se detem quem educou a sua propria efficaçia, de accordo com o esforço coordinario e systematico.

A confiança em si mesmo é uma derivação da propria temperatura moral: chegando ao vermelho rutilante se converte em fé, que faz transbordar a vontade, com a pujança de uma avalanche.

Com os genios é o que se passa: vivem todo ideal que pensam, sem se deterem ante os empeços dos que os cercam; sem se esterilizar em discussões com os que não meditam.

Os homens sem energia desaparecem sem deixar cousa alguma de util; duvidam e temem se equivocar porque não sabem reflectir.

Nunca adquiere confiança em si propios e fé nos resultados que permitam executar emprezas grandiosas.

A apathia do indolente e o fracasso dos timidos, se encubam na ignorancia e na rotina.

A efficaçia da energia estampa-se na cultura e nos ideaes.

A incapacidade de prever e imaginar é a barreira que detem a expansão da personalidade.

Os que não sabem ver até o Futuro e trabalhar para elle, são miseros lacaios do Passado, que vivem gemendo entre os seus escombros.

Educando a energia, ensinando a admirar-la, se plasmarão os novos destinos dos povos.

Repitamos sempre á mocidade da America — nenhum formoso ideal foi servido por paralyticos e obtusos; não podem avançar os anchylosados, nem contemplar os cegos as fulgurações do amanhecer.

M. Faria Correa.

(Trad. da Revista Militar, de Montevideo).

FRAQUEZA GENITAL...

As GOTTAS ESTIMULANTES DE JONES é o anti-implante mais poderoso que existe e o medicamento que maior successo tem obtido na Europa e agora no Brasil, efficaz em todas as manifestações do systema nervoso.

Á venda nas melhores drogarias do Brasil. — Pedidos em grosso ao Laboratorio de Bruzzi - Caixa postal, 2012 - Rio de Janeiro.

ENCONTRA-SE NAS DROGARIAS DE PORTO ALEGRE.

PIBULAS DE BRUZZI

E' o melhor especifico vegetal até hoje descoberto para as GONORREIAS. Tanto assim é, que o autor garante e contrata as curas, nada recebendo se não verificar-se. — Á venda nas drogarias de

PORTO ALEGRE.

Visões consoladoras.

Quando a successão dos dias nos vae aos poucos approximando do occaso da vida é que a nossa alma, á hora crepuscular da existencia, desperta para a evocação daquellas coisas formosas que, nos primeiros dias da expansão encantadora da nossa infancia, foram a sua primeira alegria e consolação.

Quanto nos agrada, então, recordar o afastado tempo com as reminiscencias dos delicados episodios!...

Pouco importa que a melancholia dos tristes nos bata á porta do coração e ahí nos mostre o contraste de tudo que serviu a nossa vida; — hontem, a infancia sorrindo para a mocidade, hoje, nos destroços e ruínas da mocidade erguendo-se a transição para o derradeiro estadio da lucta.

Não ha quem não tenha tido, preso ao carinho affectivo, o idolatrado torrão natal, a mansão querida, sagrada pelo nosso amor, e onde para cada um de seus filhos surgem os brinquedos com os primeiros passos e os amigos com os primeiros brinquedos.

Não ha quem tambem não tenha sentido ao elle feiteiceiro olhar que investiga a primeira affeição do nosso amor.

Nossa mãe, nossas irmãs, as amigas da infancia, todas se confundem na mesma crystallidade dos affectos sinceros com que nos amamos; os amigos, esses bons companheiros do mais intimo dos convívios, que a vida nos proporciona, são por sua vez como outros nossos irmãos: falamos-lhes aos corações abertos, e ao nosso interior amigo repercutem deliciosamente a expressão real e segura de sua amizade.

Que é que, porém, acontece ás vezes, quando caminhamos para o termo absoluto da jornada e olhamos em torno de nós? Sentimos que na estrada percorrida poucos são, repetidas vezes, os que se encontram perto; quasi sempre nenhum ou por que a morte os arrebatou todos, ou o tempo e a distancia os afastaram das nossas vistas.

Para uns e outros, entretanto, ha de existir ao lado dos sentimentos delicados do nosso melhor affecto, a recordação constante, recordação espirital, que lhes manda nas azas de uma saudade, que chora saudades, a lembrança carinhosa e querida, filha da melhor das amizades da nossa infancia.

E como canta á nossa alma rememorar os dias de passeios vadios, a subida disfarçada ás torres das igrejas de nossa terra, as corridas ás

soltas pelos campos, as queimaças ateadas ao capim secco das campinas patrias, as fugidas da escola, toda essa vida que ninguém sabe pintar, mas todos a sentimos!...

Tudo é grande nesse tempo; e quando o nosso espirito se recolhe e concentra para revêr atravez do pallegamento dos annos, que se foram, as figuras da primeira amizade, sempre distantes do nosso olhar, mortas ou vivas, — ellas surgem grandiosas como se haviam feito, como se conservam, e como o coração quer que sejam e perduem na lembrança...

Como tudo isso tende hoje a desaparecer com o caminhar dos annos! morrem os episodios; apagam-se os quadros vivos da infancia; os velhos companheiros se trausfiguram. Só a natureza, refazendo-se a todos os instantes, é sempre nova e alegre; á medida, porém, que os annos vão dilatando o tempo, a recordação dessa era feliz vem accordar uma saudade que não morre, não se apaga, não muda nem se dilata, porque lhe falta o espaço á sua expansão, necessaria a mitigar a dôr que ella provoca, á hora dessas visões consoladoras.

E quanto não conforta a alma dos affectos sentir agora o coração extravazar em cada gotta do seu pranto as saudades desse tempo que não voltará mais!...

São saudades de tudo que nos deu a vida infantil; dos logares percorridos, dos brinquedos estragados, dos amigos feitos, das primeiras affeições sonhadas, e até... do primeiro coração que primeiro falou dentro do nosso...

L. DE ASSIS.

O regresso do 2º Batalhão de Infantaria.

Regressou do interior do Estado, onde se achava em operações militares desde agosto do anno findo, o valoroso 2º batalhão de infantaria da Brigada Militar. Em regresso ao regresso dessa unidade á sua séde, o coronel Claudino Nunes Pereira, commandante geral da tropa estadual, offerceu uma festa intima aos seus officiaes e praças, a qual constou de um pic-nic realiado no capão do Hospital Militar da Brigada, no Crystal, a 3 do corrente. Abatidas varias rezes e ovelhas, foi servido saboroso churrasco, regado a chopp.

A essa festa, que decorreu num ambiente de franca alegria, compareceram o snr. Coronel Claudino Nunes Pereira e officiaes do seu Estado Maior, o Tte. Cel. Emilio Lucio Esteves, chefe da missão instructora, os Snrs. Othelo Rosa e dr. João Carlos Machado, representando a «A Federação», e grande numero de officiaes das varias unidades da Brigada Militar.

CRAINQUIVILLE

Por ANATOLE FRANCE

Jeronymo Crainquville, vendedor ambulante, ia pela cidade, empurrando o seu carrinho e gritando:

— Cenouras, nabos, pepinos. E quando tinha rabanetes acrescentava:

— Molhos de espargos. Porque os rabanetes são os espargos dos pobres.

Agora bem: a 20 de Outubro, ao meio dia, descia elle a rua Montmartre quando Mme. Bayard, a sapateira do «Anjo da Guarda», sahio de sua tenda e se aproximou do carrinho do verdureiro. E, levantando desdenhosamente um molho de rabanetes, disse:

— Não são nada lindo os seus rabanetes. A quanto é que vende o molho?

— Quinze soldos, senhora. Não os ha melhores.

— Quinze soldos, tres molhos loucos?

E voltou a deixar o molho no carrinho, com gesto de desagrado.

Então foi quando appareceu de improviso o agente 64 e disse a Crainquville:

— Caminhe. Não pode estar parado.

Fazia já quarenta annos que Crainquville caminhava desde a manhã até a noite. Uma ordem como essa lhe pareceu legitima e conforme com a natureza das cousas. Inteiramente disposto a obedecer, apressou a burguezia para que tomasse conta do que lhe conviesse.

— Terei que escolher eu mesma o artigo— respondeu asperamente a sapateira.

E apalpou outra vez todos os molhos de rabanetes; depois reteve o que lhe pareceu mais formoso e apertou-o contra o peito, como os santos, nos quadros das igrejas, opprimem contra seu peito a palma triumphal.

— Vou dar-lhe quatorze soldos— disse. E' mais que sufficiente. E ainda é preciso que os vá buscar á tenda porque não os tenho aqui.

E abraçando, sempre seus rabanetes, voltou á sapataria, onde a havia precedido uma freguezia que levava uma creança.

Neste momento o agente 64 disse, pela segunda vez, a Crainquville:

— Caminhe.

— Espero o meu dinheiro— respondeu Crainquville.

— Eu não lhe digo que espere o seu dinheiro, digo-lhe é que caminhe— replicou o agente com firmeza.

Entretanto a sapateira, já



Capitão Otavo Motta, morto heroicamente em combate com a horda revolucionaria de Zeca Netto

em sua tenda, experimentava sapatos azues a uma creança de dezoito mezes, cuja mãe estava com pressa. E as cabeças vermelhas dos rabanetes descancavam sobre o mostrador.

Desde meio seculo, fazia que empunhava o seu carrinho pela ruas. Crainquville havia apprendido a obedecer aos representantes da autoridade. Desta vez, porem, se encontrava em uma situação particular, entre um dever e um direito.

Crainquville não tinha talento juridico. Não comprehendeu que o goso de um direito individual não o dispensava de cumprir com um dever social. Teve demasiado em conta o seu direito que era receber quatorze soldos e não cuidou bastante de seu dever que era empurrar o seu carrinho e se-

guir para adiante, sempre para adiante. Deixou-se estar.

Pela terceira vez, o agente 64, tranquillo e sem colera, lhe deu a ordem de andar. Ao contrario do que costumava, o cabo Montamiel que ameaça constantemente e não castiga nunca, o agente 64 é parco em prevenções e prompto para formar juizo verbal. Assim é o seu caracter. Ainda que um pouco secarrão é um excellente servidor e um soldado leal. A coragem de um leão e a docura de uma creança. Não conhece nada alem de sua obrigação.

— Não ouve, então— disse— quando lhe digo que caminhe!

Crainquville tinha para deixar-se ficar alli uma razão demasiado importante a seus olhos para não acreditar-a sufficiente.

Declarou-a simplesmente e sem arte:

— Caramba! Já não lhe disse que estou esperando o meu dinheiro?

O agente 64 se contentou em responder:

— Quer, então, que lhe applique uma contravenção? Se quer não tem mais que dizelo.

Ao ouvir essas palavras, Crainquville encolheu lentamente os hombros e dirigiu ao agente um olhar doloroso e em seguida levantou-o para o céu. E esse olhar dizia:

— Que venha Deus e o veja! Eu um desprezador das leis? Eu rir-me dos decretos e ordens que regem o meu estado ambulatório? A's cinco da manhã achava-me fazendo as minhas compras diante do mercado. E ha já sete horas que ando com as varas nas mãos gritando: «Cenouras, nabos, pepinos». Tenho sessenta annos cumpridos. Estou cansado. E você me pergunta se levanto a bandeira vermelha da rebelião! Você se engana e o seu engano é cruel!

Seja porque não houvesse percebido a expressão desse olhar; seja porque não visse nelle uma desculpa da desobediencia, o agente perguntou

com voz breve e rude, se o havia compreendido.

Precisamente nesse momento o movimento de vehiculos era extraordinario na rua Montmartre.

Os coches de praça, jardineiras, omnibus ajustados uns contra os outros pareciam unidos e ligados indissoluvelmente. E sobre a sua immobildade imponente elevavam-se gritos e imprecações. Os cocheiros de praça, trocavam com os moços de carnicaria injurias heroicas e os conductores de omnibus consideravam Crainquille como a causa da aglomeração, chamando-o, por isso, verdureiro porco.

Entretanto, sobre a calçada se amontoavam curiosos, attentos á disputa. E o agente vendo-se observado não pensou sinão em fazer gala de sua autoridade.

—Está bem—disse.

E tirou do bolsito um caderninho e um lapis muito curto.

Crainquille seguia a sua ideia e obediencia a uma força interior. Demais, então, já lhe era impossivel avançar ou retroceder. A roda de seu carrinho se havia prendido desgraçadamente a de uma carroça de leiteiro.

Exclamou arrumando os cabellos debaixo de sua casquete:

Si lhe digo que estou esperando o meu dinheiro! Isto sim que é ser desgraçado. Miséria das misérias! Maldição das maldições!

Por essas palavras, que sem embargo expressavam melhor o desespero do que a revolta, o agente 64 se julgou insultado. E como para elle todo insulto revestia a forma consagrada, ritual e por assim dizer liturgica de *Mort aux vaches* foi assim que elle recolheu e concretizou espontaneamente em seus ouvidos as palavras do delinquente.

—Ah! Disse *Mort aux vaches*? Está bem. Siga-me.

Crainquille, no cumulo do estupor e da angustia, mirava com seus grandes olhos queimados pelo sol o agente 64; e, com sua voz carregada, hora de debaixo dos pés, exclamava, cruzando os braços, sobre a sua blusa azul:

—Que disse eu? *Mort aux vaches*, eu? Oh!... Essa exclamação foi acolhida com risos pelos caixeiros de commercio e garotos da rua. Ella satisfazia o gesto que todas as multidões de homens tem pelos espectaculo injustos e violentos.

Porém, abrindo o passo por entre o circulo de curiosos, um ancião muito triste, de traje negro e cartolla de pello, se acercou do agente e lhe disse com muita suavidade e firmeza, em voz baixa:

—O senhor se engana. Esse homem não o insultou.

—Metta-se o senhor com o que lhe diz respeito — respondeu-lhe o agente sem proferir ameaças, porque estava falando com uma pessoa bem vestida.

O ancião insistiu com calma e tenacidade. Deu o seu nome e titulos:—Dr. David Mathieu, medico director do hospital Ambroise Paré, official da Legião de Honra.

Crainquille, cuja prisão foi confirmada, passou a noite no commissariado e foi trasladado na manhã seguinte no coche cellular para a cadeia.

Apezar dos esforços do seu defensor, o pobre Crainquille foi condemnado a 15 dias de carcere e cincoenta francos de multa.

Cumpriu sua condemnação e, quando recobrou a liberdade, voltou aos seus affazeres.

Empurrava, como sempre, o seu carrinho pela rua Montmartre, gritando:

—Nabos, cinouras, pepinos!...

Não se envaidecia, nem se envergonhava de sua aventura. Não conservava d'ella, tampouco, uma lembrança penosa. Em sua mente, o succedido tinha algo de theatro, de viagem, de roubo. Sobretudo, se sentia contente andando por entre o barro, pelas pedras das ruas e vendo por sobre a sua cabeça, o céu cheio de agua e sujo como o arroyo, o bom céu da sua cidade. Detinha-se em todas as esquinas, para beber um copo; depois, livre e alegre, esfregava as mãos para lubrificá-las a palma callosa e empunhava as varas do seu carrinho, enquanto deante delle os passarinhos, matinaes e pobres como elle, que buscavam tambem a vida na rua, alçavam o voo em bando, ao ouvir-lhe

o grito habitual: — Nabos, cenouras, pepinos!...

Uma velha porteira, que se havia aproximado, dizia-lhe palpando os aipos.

—Que foi que lhe succedeu, tio Crainquille? Ha tres semanas inteiras que se o não vê por aqui! Esteve doente? Parece um pouco pallido!...

—Dir-lhe-ei, senhora Mailloche... Estive fazendo de capitalista.

Nada mudou da sua vida, exceptuando-se o ir mais a miudo á taverna do que costumava.

Retira-se, um pouco alegre, para a sua mansarda; estendido sobre a caxerxa, por baixo das bolsas que lhe emprestou o vendedor de ameioas, da esquinha, e que lhe servem de cobertor—peña:

—Ninguém se pode queixar do carcere; ali ha tudo o que se necessita. Porém, apezar disso, se está melhor em casa.

A sua satisfação durou pouco, entretanto. Em breve começou a ver que os clientes lhe faziam má cara.

—Aipos excellentes, senhora Cointreau.

—Não necessario nada.

—Como não precisa de nada? Seguramente a senhora não vive de ar.

E a senhora Cointreau, sem dar-lhe resposta alguma, entrava altivamente, na grande padaria de que era proprietaria.

As tendeiças e as porteiças, em outro tempo assiduas em derredor do seu carrinho, verdejante e floridas, desviavam-se agora delle. Ao chegar a sapataria do «Anjo da Guarda», o ponto onde haviam começado as suas aventuras judicias, chamou:

—Sra. Bayard, Sra. Bayard... Deve-me quinze soldos da outra vez!

Porém a sra. Bayard, sentada junto a vitrine, nem se dignou volver a cabeça.

Ninguém queria reconhecer-o. Mme. Cointreau, a padaria, Mme. Bayard, do «Anjo da Guarda» desprezavam-n'o e o abandonavam. Que? Todo o mundo!... De modo que por haver estado quinze dias á sombra, já não servia nem para vender cenouras? Era justo aquillo? Era razoavel fazer morrer de fome um homem porque tivera difficuldades com os agentes da policia? Se já

não podia vender os seus legumes, nada mais tinha a fazer, senão rebentar.

Como o vinho maltratado, Crainquiville ia se tornando ácido.

Não ha negar, fazia-se grosseiro, mal humorado, malcreado, camorrista. E' que ao ver as imperfeições da sociedade, tinha menos faticidade do que um professor da escola de sciencias moraes e politicas para exprimir suas ideias sobre os vicios e os systemas e sobre as reformas necessarias; e, por outro lado, os seus pensamentos não se desenvolviam com ordem e methodo.

Muitas vezes, perdia o leilão matinal no mercado e se provia unicamente de artigos avariados, que lhe entregavam a credito.

Um dia, sentindo-se com as pernas frouxas e o coração cansado, não tirou o seu carrinho do deposito e passou todo o santo dia dando voltas em redor da banca de Mme. Rosa, a mondongueira, e por diante de todos os agencias de policia do mercado. A' noite, sentado sobre a mala meditou, e apercebeu-se da sua decadencia. Recordou sua força primitiva e seus antigos trabalhos e suas largas fadigas e suas ambições felizes; seus dias numerosos iguaes e cheios; as idas e vindas, á noite, deante do mercado á espera do leilão dos legumes levantados em braços e accomodados com arte no carrinho; a taça do café da tia Theodora, bem quente, tragada, de um gole; seu grito vigoroso como canto do gallo, navalhando o ar matinal; sua marcha pelas ruas populares e toda a' sua vida innocente e rude de cavallo humano que, durante meio seculo, havia levado sobre sua meza rodante, nos cidadãos consumidos de vigílias e cuidados, as frescas colheitas da horta. E, meneando a cabeça, disse com um suspiro:

—Não, não tenho já o valor de antes!... Estou acabado—Tanto vae o cantar á agua que afinal se rompe. E' demais, depois da minha questão com a justiça, já não tenho o mesmo caracter. Que digo? Não sou jáo mesmo homem.

Enfim estava desmoralizado; e, um homem nesse estado, é como um homem em terra, incapaz de levantar-se. Todos lhe pisam em cima.

Chegou á miseria, uma miseria negra.

O velho vendedor ambulante que em outros tempos trazia aos montões, do bairro de Montmatre, as moedas de cem soldos, não tinha então nem um scimo. Era o inverno. Expulso da mansarda, dormia debaixo dos carrinhos, em um deposito. Chovia havia já vinte e quatro horas. As calbas transbordaram e o deposito se afundou.

Accorrido dentro do seu carrinho, sobre as aguas envenenadas, em companhia das aranhas, dos ratos e dos gatos famelicos, Crainquiville pensava no carcere. Sem haver comido nada durante o dia e sem ter já para abrigar-se as bolsas do vendedor de amendoas. Recordou a quinzena durante a qual o governo lhe dera casa e meza.

Invejou a sorte dos prisioneiros que não soffrem nem frio nem fome e teve uma ideia.

—Desde que conheço o segredo, porque não aproveitá-lo?

—Levantou-se e foi para a rua. Não era mais de onze horas. Fazia um tempo horroroso e negro.

Cahia uma neblina mais fina e penetrante do que a propria chuva. Raros transeuntes passavam cosendo-se á parede.

Crainquiville costeou a igreja de S. Eustachio e deu volta pela rua de Montmartre.

Essa apparecia deserta. Um policial estava postado nas cercanias, por traz da igreja, encostado a um lampeão, e ao redor da luz via-se uma chuva fina e vermelha.

O agente recebia-a toda sobre o capote. Tinha uma attitudde de quem soffre intenso frio, e, ou porque estivesse cansado de andar, ou porque preferisse a luz á sombra, se deixava ficar sob o lampeão e fazia delle, quicá, um companheiro, um amigo.

A chamma tremeluzente era o seu unico entretenimento em meio da noite solitaria. A immobildade do agente não parecia, por certo, humana; o reflexo de suas botas sobre a areia molhada, que semelhaava um lago, prolongava-lhe a figura para baixo e lhe dava, de longe o aspecto de um monstro amphibio, sahido fora d'agua.

De mais perto encapotado e armado, tinha uma apparencia monarcal e militar, os gros-

sos traços de sua physionomia, mais engrossados ainda pela sombra de um capuz eram tranquillos e tristes. Tinha um bigode espesso, aparado e grisalho. Era um velho agente, homem de uns 40 annos.

Crainquiville acceitou-se suavemente delle e com voz vacillante e debil, disse-lhe:

—*Mort aux taches!*

Depois, esperou o resultado dessa phrase consagrada. O insulto, porem, não fez nenhum effeito. O agente continuou immovel e mudo com os braços crusados sobre a curta capa. Os seus olhos grandemente abertos, reluzindo na sombra, olharam Crainquiville, com tristeza, vigilancia e desprezo.

Crainquiville, admirado, porem, com um resto de resolução ainda, balbuciou:

—*Mort aux taches.*

Seguiu um largo silencio, durante o qual cahia a chuva fria e vermelha e reinava a sombra gelada. Por fim o agente falou:

—Não se deve dizer isso...

Segura e positivamente, não se deve dizer isso. Na sua idade você devia conhecer melhor as cousas... Siga o seu caminho.

—Porque não me prende?

—perguntou Crainquiville.

O agente meneou a cabeça sob o capuz humido e disse:

—Se eu tivesse de prender todos os borrachos que dizem o que não devem dizer, teria muito que fazer... E para que serviria isso?

Crainquiville, perturbado por este desdem magnanimo, quedou-se, por longo tempo, atordoado e mudo, com os pés na sargeta. Antes de distanciar-se, porem, intentou uma explicação:

—Não foi por você que eu disse *Mort aux taches!*... Não foi tambem nem por isso nem por quicão. Foi porque tinha uma ideia.

O agente respondeu com austeridade:

—Que fosse por uma ideia ou por outra qualquer cousa, você não devia ter dito isso: porque quando um homem cumpre com o seu dever e supporta bastantes penas, não se deve insultar com palavras inuteis...

Repetio-lhe que siga o seu caminho.

Crainquiville, com a cabeça baixa, os braços cahidos, mergulhou na sombra, sob a chuva inclemente.

Os elephantes de Pyrrho

Os elephantes de Pyrrho. Sabe-se a historia. Os tarentinos, alarmados com os triumphos dos romanos sobre os samnitas, e gastos de voluntarios excessos, reconhecendo-se incapazes de lidar-os com vantagem, chamaram em seu socorro o aventureiro epirota. Pyrrho sem demora accorre, fecha em Tarento banhos e theatros, arma todos os cidadãos, e sahe contra os de Roma. A primeira batalha fere-se nos arredores de Hiraclaea, onde a victoria custosamente lhe sorri, abonando o campo com o lastro de quinze mil romanos. Os elephantes, não conhecidos e pismo das legiões, foram a causa do ganho da pelcja. Em Asculum, porém, aos formidaveis proboscideos, já contrapõem os romanos os carros falcatos, com esporões apicilados de pez em chammas. Mas, tirantes decepados pelos guerreiros de Pyrrho, estacaram inúteis, e ainda uma vez os trombudos monstros venceram. Tão só em Benevento as flechas inflammadas conseguiram oppôr-lhes embargo á immane força viva dos lances. Assim o tanque é mais *consanguineo* dos elephantes de guerra que do velho carro de assalto, em razão dos apetrechos que o gravidade, das cataphractas que o resguardam e da massa bruta que o apesa. Não ha entre nós quem, mesmo de pequena instrução litteraria, não tenha lido *Salammbó*, e lhe não tenha ficado na retentiva algo da imponente batalha do Macar. «A phalange começava a oscillar, os capitães corriam desordenados, vozes impelliam os soldados; os barbaros tinham-se reformado; voltavam; a victoria era por elles. Mas um grito immenso reboou, rugido de dor e de colera: eram os sessenta elephantes que se precipitavam em linha dupla, havendo Amilcar esperado que os mercenarios se agrupassem no mesmo ponto para os largar em cima. Os indios tinham-nos picado com tal rigor que corria sangue das suas largas orelhas; o peitoral era guarnecido de um espeto, o dorso de uma couraça, as pontas, alongadas com laminas de ferro, curvas como sabres, — e para os tornar mais ferozes, tinham-nos embriagado com uma mistura de pimenta, vinho puro e incenso. Sacudiam os collares de guisos, bramiam, e os elephantarcas baixavam a cabeça sob os tiros dos falaricos que começavam a vôar do alto das torres». A ultima guerra em que, sem eximir nenhum povo, se desobrecceu a civilização europea, recorrendo a todos os meios de exterminio, trouxe á scena, como ninguém ignora, com as modificações impostas pelas circumstancias de occasião, mais de um engenheiro de combate do passado. O cervical elephante de guerra reverteu á actividade sob a feição do carro de assalto (tank). E agora temos o cá, novo instrumento da nossa segurança, ultima de mão nas vicissitudes incertas das contendidas. Mas é bem de imaginar a que treinamento angustioso não vão sujeitar-se os futuros *elephantarcas*. Não quero argumentar com os empecos e tropeços offerecidos pela variação ingrata das nossas formas topographicas e tramas nemoraes. Por momento admittil-os-ei evoluindo apenas nas paragens desbravadas do Rio Grande do Sul, que ouvi o Sr. General Durand, quando as perlustrou, comparar ás regiões francezas da Champagne, reputando-as optimamente presta-

dias á mobilidade das armas montadas. E, mesmo em tal restricção, meu lim nestas observações é dizer respeito ao clima. No inverno, quando o minuano, com a sua vergasta inexoravel, lanha o dorso escaivado da coxilha, ha de ser um encanto lutar dentro de tão protegido agasalho. Mas, acredito, vercis gatos comer pcipinos, como lá diz o classico, quando o arcor estival da solalheira da nossa campanha, onde o phenomeno da miragem (*espejismo*) se conta não raro ocorre como no areal combusto dos desertos africanos, tiver envolto um dia inteiro, no seu manto canicular, a blindada carapaça das temerosas moles armigeras. Assevera a folha onde se me depara, mais ou menos circumstanciadamente, a nova da chegada e das circunstancias preliminares dellas, na Villa Militar: «Os tanques, porém, aqui não pôdem andar fechados, por ser excessivamente elevada a temperatura dentro dellas. Apesar de tudo, entretanto, foi boa a impressão causada pela experiencia». Ora, — interessante coincidência, — minutos depois, num jornal de medicina tomado ao accaso (*La Presse médicale*), dei com o seguinte, sob a apigrapho *O Mal dos tanques*, motivo deste ligeiro apontamento: «Na Inglaterra registam-se phenomenos morbidos entre as guarnições dos tanques. Após tres á seis horas no seu interior, os homens começam a soffrer da falta de ventilação, a cuja se ajuntam a extrema secura e o calor ambientes. O fumo do petroleo e as emanações do oxydo de carbono vêm ainda contribuir para a viciação do ar escasso. Manifestam-se então violentas dores de cabeça, vertigens, dyspnéa, palpitações, muitas vezes vomitos e uma especie de atordamento que se avoluma em semi-inconsciencia. A atmospherá que reina nos tanques inglezes é secca e de temperatura elevada. Não é raro ver a columna thermometrica subir á 42°, e o gráo thermico dos homens, acompanhando a subida, as vezes attingir a 40°. Em compensação, a salvo o caso em que a couraça do tanque é varada, a guarnição nelle fica ao abrigo das balas; mas, durante a acção, quando todas as aberturas se encontram cerradas, os symptoms de exgotamento morbido são ainda mais accusados. Nenhum homem pôde servir num tanque mais de cinco dias consecutivos sem que se lhe dê em seguida dois dias de descanços». Eis o que se passa nos tanques inglezes. Mas, — adverte a noticia acerca dos que importamos, — os tanques aqui não pôdem andar fechados...

Cesar de Castro.

SOCIEDADE ANONYMA DROGARIA DO INDIO

Casa fundada em 1897

IMPORTADORES DE PRODUCTOS
CHIMICOS E
PREPARADOS PHARMACEUTICOS

Rua Voluntarios da Patria, 104
Telephone central n. 585

End. Telegraphico: «DROINDIO»

SOCIEDADE HIPICA RIO GRANDENSE

A festa em homenagem ao general Andrade Neves e ao coronel Franco Ferreira

Realizou-se, a vinte do corrente, no capão da Brigada Militar, na invernada do Gravatahy, a festa campestre de homenagem ao general Eurico de Andrade Neves e ao coronel Franco Ferreira, promovida pela Sociedade Hyppica Rio-

Senna Dias, conquistou a victoria, prendendo a "raposa", recebendo por isso o premio destinado ao vencedor e que lhe foi entregue pelo general Andrade Neves.

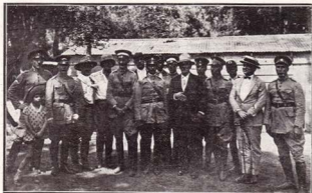
Após, foram os presentes obsequiados com magnifico churrasco, regado a chopp, tendo então feito uso da palavra, em nome da Sociedade Hyppica, o dr. Renato Costa, que saudou os homenageados em feliz improviso.

O general Andrade Neves e coronel Franco Ferreira agradeceram as captivantes homenagens prestadas bebendo á prosperidade da Sociedade Hyppica Rio Grandense.

Fez ainda uma saudação aos homenageados o tenente-coronel José Rodrigues Sobral.

Compareceram á esta magnifica festa numerosos officios do Exercito e da Brigada Militar, exmas. familias e amigos

dos homenageados, estando tambem presente o dr. Alceu Barbedo, secretario interino da presidencia, que representou o dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado e o desembargador André da Rocha, presidente do Superior Tribunal.



Grupo photographado por occasião da festa da Sociedade Hyppica, vendo-se ao centro o seu presidente Coronel Claudino Nunes Pereira e o homenageado, General Andrade Neves.

Grandense, de que é presidente o coronel Claudino Nunes Pereira.

Os homenageados e convidados, acompanhados de suas exmas. familias, partiram do cães do porto desta capital ás 8,30 a bordo das lanchas "Pelotas" e "Artigas", em direcção ao local da festa.

Ali chegados e depois de breve descanso, teve inicio a festa campestre organizada pela Hyppica Rio-Grandense e que correu por entre expansões de alegria e cordialidade.

Entre as partes executadas, destacou-se a "Caça da Raposa", em que tomaram parte o capitão Timotheo Maciel dos Santos e os tenentes Venancio Baptista (raposa), Nelson S. Dias, Mario Galvão, Osman Plaisani, Ewaldo Possolo, Belarmino Galvão e os srs. Francisco Rohna e F. Goelzer.

A fita de distinctivo da "Raposa", foi offerecida no tenente Baptista pela senhorita Osmilda Comte.

Depois de tenaz perseguição, em que se registraram interessantes episodios gauchescos, o tenente Nelson



Garrido grupo de gentis senhorinhas que abrilhantaram a festa com sua presença.

Anniversarios de unidades da Brigada Militar

O 2º Batalhão de Infantaria da B. Militar festejou o 34º aniversário de sua organização a 15 de fevereiro p. passado, quando ainda se achava no interior do Estado, em operações militares. Esta valorosa unidade da força estadual riograndense, que tantos e tão assignalados serviços ha prestado ao Estado e á Republica, foi organizada a 15 de fevereiro de 1893, tendo sido seu primeiro commandante o então capitão do Exercito, hoje General de divisão, Cypriano da Costa Ferreira, com o posto de tenente-coronel, em commissão.

Em 23 de Abril de 1895 veio fundir-se ao aguerrido 2º batalhão de infantaria o 2º batalhão de reserva, destemida unidade que com a columna Menna Barreto, de que fazia parte, infrin-

efficiencia militar e valor combativo, pois fazia parte do Grupo de Batalhões de Caçadores da Brigada Militar Riograndense, que foi a unidade que vanguardou o avanço decisivo ás posições dos rebeldes, obrigando-os a abandonarem a capital paulista. Coube, ainda, ao 2º batalhão a gloria de, mais uma vez, infringir formidável derrota á columna que fazia a retaguarda dos rebeldes, por occasião de sua retirada pelo interior de S. Paulo, no cruento combate de Santo Anastacio. Entre os seus bravos mortos nesse combate, perdeu o batalhão o valente capitão Crystallino Pedro Fagundes, que commandava a 1ª companhia. Fez, ainda, o 2º batalhão de infantaria, todas as campanhas deste Estado, de 1923 para cá, demonstrando sem-



Photographia apanhada por occasião dos festejos commemorativos do 12º anniversario do Grupo de Metralhadoras da B. Militar.

giu varias derrotas aos inimigos do regimen, em combates como os do *Salsinho*, *Upanaroty*, *Pirahy e Serrilhada*, e tomou parte na defeza de Bagé, por occasião do memoravel sitio desta cidade.

Foi segundo commandante do batalhão o saudoso e inolvidavel Coronel Affonso Emilio Massot, que o commandou por espaço de 20 annos, do qual saiu por ter sido nomeado Commandante Geral da Brigada Militar, posto em que a morte veiu encontrar-o. Substituiu o coronel Massot o Tte. Cel. Leopoldo Ayres de Vasconcellos, que commandou o batalhão durante 4 annos, sendo substituido pelo Tte. Cel. Amadeu Massot, que se reformou após 3 e meio annos de proficiente commando. Commandaram, ainda, o batalhão, interinamente, os majores Gregorio Portueguez, Francisco Gonçalves Varella e José Freire de Oliveira e Souza, sendo seu actual commandante o Tte. Cel. Candido Pinheiro de Barcellos, velho e impoluto servidor da Brigada Militar, que ainda muito espera de sua reconhecida capacidade.

Entre as brilhantes victorias alcançadas pelo 2º batalhão, na repressão das intencionas revolucionarias, estão as expedições a S. Paulo e Gozay, onde deu exuberantes provas de grande

pre inquebrantavel disciplina, grande abnegação e perfeita comprehensão de seus deveres profissionais.

Como é de praxe, o batalhão festejou a auspiciosa data de seu anniversario, tendo sido melhorado o rancho geral e postas em liberdade todas as praças que se achavam cumprindo punições disciplinares. Em formatura geral do batalhão, falou o capitão Alvaro de Aguiar Ritta, previamente designado para esse fim, e que disertou sobre a acção do batalhão durante o decurso de sua existencia no seio da gloriosa corporação a que pertence.

Grupo de Metralhadoras—Transcorreu a 7 do corrente o 12º anniversario de organização do Grupo de Metralhadoras da Brigada Militar.

Commemorando esse anniversario, o commandante dessa galharda unidade promoveu uma atrahente festa, dedicada aos officiaes e praças e suas familias, festa essa que começou pela manhã com a execução de varias provas desportivas, continuando durante o dia e terminando com animados sarás dançantes, no salão de recepções do seu bello quartel e nos alojamentos das praças.

O Patriarcha dos Misanthropos

Organizado a 7 de março de 1915 pelo seu primeiro commandante, capitão Augusto Januario Corrêa, hoje reformado no posto de coronel, o Grupo de Metralhadoras tem prestado serviços de tal valia, que é justamente considerada uma unidade de elite da Brigada Militar. Tomou parte em todas as campanhas deste Estado, de 1923 para cá, e expedicionou a São Paulo, com o Grupo de Batalhões de Caçadores, portando-se com extraordinária bravura nos cruentos combates da paulicêa, em que de modo notável se fez sentir a effiçcacia de fogo de suas peças, bem dirigidas por officiaes competentes e manobradas por guarnições de praças de incomparavel valor combativo.

E' commandante da distincta unidade, o major Alzimir Francisco Wellausen.

A um "recruta" nas cousas da vida . .

Meu amigo:

Não te desanimes nunca!

Antes, a cada desillusão soffrida, com forças novas te atires á luta!

Não procures imitar os outros nas suas fraquezas e cobardias. Sê forte e olha a vida com o olhar firme de quem quer vencer.

A vida não é má, nós é que não sabemos comprehendê-la e senti-la.

O mais insignificante contra tempo soffrido, a menor contrariedade em nossos desejos e sonhos, o minimo obstaculo no caminho idealdo, nos fazem parar incontinentemente, vencidos, sem animo de transpor-os ou continuar a estrada.

Não olhamos nunca os exemplos bons que as cousas todas da existencia nos offerecem, não os seguimos de nenhum modo.

Queremos a vida como a estrada secular de Damasco, sem um tropeço. . .

E ao primeiro contratempo, ficamos incapazes de uma reacção, parados e vencidos. . .

Quem olha para a vida e attenta nella não desanima de maneira alguma. Porque a luta existe sempre em todas as existencias.

O que se deixa ficar é um vencido.

Na carreira vertiginosa de nossos dias aancia de não perder minuto, de acabar depressa é uma cousa que empolga todos os espiritos.

De dia para dia mais tremenda se torna a peleja para a garantia da propria subsistencia.

Ninguem anda—corre!

E o que menos corre!—vôa!

Apenas isso que é tudo.

Uma simples observação superficial e ligeira nos affirma tudo isso, tudo isso nos pateienta aos olhos attonitos.

Não, meu amigo; não: não ha quem tenha o direito de desanimar attentando no galope infernal que é a vida breve.

Depois, ha o exemplo de todos:—se um embarço surge no caminho, o que é que preciso não é desviar-se delle: é saltar-o ou removê-lo. Voltar na estrada é que não. Lá em baixo, na obscura existencia dos humildes, todos lutam, com lagrimas nos olhos não raro, mas, sem se deixar vencer pela dor das desillusões soffridas. Abaixa os teus olhos até elles e segue o exemplo que te dão. . .

S. Luiz de Missões *Oliveira Mesquita*

Timon, philosopho grego, contemporaneo de Socrates, possuia, em tão alto grado um tão profundo odio aos homens, que os seus contemporaneos o consideravam o maior misanthropo.

Evitava com mais cuidado o convívio dos homens do que nós o fazemos com o dos leprosos.

Timon possuia uma extensa propriedade nos arrabaldes de Athenas, uma grande chacara ensombreada pelas copas abobadadas de frondosas arvores, no meio das quaes avultava, gigantesca, uma enorme figueira, cujos galhos se lamentavam pela calada da noite, acotitados pela ventania.

Os athenienses haviam-na appellidado o «Convite da Morte». Contava-se na verdade um sem numero de desesperados da vida, que atraídos pelo choro plangente da figueira, de seus galhos vigorosos tinham ido experimentar a resistencia.

Sucedeu que o inimigo dos homens teve necessidade de mandar construir um pequeno pedio para abrigar talvez alguns viventes que não da raça humana, e se viu na dolorosa contingencia de mandar arrancar o «Convite da Morte» que tão benfazeja subtrahira a suas vistas não pequeno numero de milhares demographicas.

Contrariando seus habitos, appareceu Timon deante do povo reunido em comicio, prozavelmente, para a eleição de algum archonte e com grande e escandalosa admiração de Athenas, muda de pasmo, dignou-se falar aquella desprezível, baixa e indigna rale.

Omittindo o classico — Cidadãos athenienses, — com que Demosthenes despertaria a attenção de seus patricios, o philosopho misanthropo vociferou aquella massa inqualificavel: «Possuo em minha chacara uma figueira a cujos braços possantes, muito acertadamente, têm dependurado o torpe covil dos pensamentos; desgraçadamente careço de mandar arrancar-a si algum dos ouvintes em um momento lucido de resolução acertada se quizer enforçar, aproveite com presteza, a oportunidade desta noite.

Não nos transmitiu a tradição o numero daquelles que se valeram dos ultimos do «Convite da Morte», moribunda; é certo, porém, que o seu desaparelhamento deria ter causado não pequena dose de tristezas ao velho misanthropo, sobre cujo sepulchro se liam outróra duas quadras em grego das quaes Polidoro nos deu no latim baixo a tradução que assim reza em nossa lingua:

«Que te importa o meu nome, o passageiro!

Quero estar só; nas horas más te afasta,

Deixa-me em paz no sommo derradeiro

Abomino-te, és homem, tanto basta

— Sabes tu que desejo inda me anima?

— E' que este mausoleo te caia em cima»

PERO RUERO.

ENTRE DEMONIOS

Romance Sul-Americano de LEOPOLDO GHERI

TRADUZIDO PELO

Dr. Manoel de Queirós Mattoso Ribeiro

(Continuação.)

Ali na portaria salta ao meu encontro uma mocinha. Voou-me literalmente ao pescoço, abraçou-me e beijou-me, como si eu fosse sua amiga íntima de muitos annos. Não fiquei pouco admirada dessa impetuosa recepção, mas fez-me bem, e desvaneceu por algum tempo os sombrios e sinistros pensamentos de que não me queria libertar.

— Senhorita Helena, seja bemvinda! Eu sou Mercedes, a filha do general Ribera, e saúdo-a em nome de meu pae. Elle agora não está aqui, só a esperavamos amanhã, sinão eu teria ido ao seu encontro a cavallo; assim porém sua chegada foi uma surpresa. Oh, como me alegra a sua visita nesta solidão longe do mundo!

— Minha visita não é voluntaria — interrompi eu a garrulice da boa menina.

— Eu sei, eu sei, pobre Helena. Mas não ha de ficar nial commigo por isso, e ha de amar-me um bocadinho. Hei de cuidar de si como uma irmoã.

— Como poderia eu querer-lhe mal? não me faz mal e nunca m'o fará no futuro.

— Nunca, nunca, senhorita! Eu amo-a, já tenho ouvido falar tanto de si, eu respeito-a e a admiro. Oh, deixe que eu seja sua irmoã...

— Os olhos da querida menina eram tão limpidos e puros, que julguei contemplar o rosto de um anjo. Em tal creatura não podia haver falsidade e perfidia. Como resposta a seu pedido de terno amor de irmoã apertei ao peito a mocinha, que desde o primeiro momento me inspirára sympathia e beijei a sua fronte pura. Era o primeiro beijo que eu dava em uma pessoa extranha.

— Mas, venha, eu a deixo ficar em pé, e certamente deve estar muito cansada da viagem. Precisa descançar, — continuou a mocinha. — Venha, senhorita, providenciarei já sobre a sua bagagem.

— Tomou-me o braço e subiu commigo a escada.

— A escada é muito empinada e má, não é? Mas não se deve admirar, a casa já é tão velha! Deve ter sido antigamente o palacio de um cacique, depois modificado pelos hespanhoes. Mas chegamos a seu quarto, ahi precisa descançar. Ah, estou tão contente por conhecê-la pessoalmente. Não se sentirá aqui só, eu hei de estar sempre a seu lado. E tambem agora tenho companhia. Oh, isto aqui é tão solitario!

— A conversa da mocinha não me fatigava; pois havia nell: tanta cordialidade, tanta can-

dura, que apesar do meu cansaço, sua garrulice não me importunava, pelo contrario eu esquecia a fadiga, e tinha prazer em ouvi-la. Parecia-me, que na pessoa dessa mocinha estava meu proprio anjo da guarda em figura visivel a meu lado, e desvanecia com suas cordiaes palavras toda a angustia e receio por minha sorte e a de meu irmoã.

— Onde ha um anjo assim, não nos pode acontecer mal — pensava eu commigo.

— Mas breve devia tudo mudar!

— Em meu quarto, que estava confortavelmente arranjado descançei um pouco, no que Mercedes, filha de Ribera, me fez companhia. Via-se em meu quarto, ao primeiro olhar, que Mercedes se tinha esforçado não só para tornar-o commodo, mas tambem para arranjal-o com certa elegancia. Sim, a querida menina conseguiu mesmo dar a meu quarto um ar de luxo. Da

janella olhava-se para um pateo estreito, em ruínas, sombrio. A vista desse estreito pateo apertou-me o coração. Os muros pretos e lugubres, que cercavam esse estreito pateo, as poucas janellas pequenas e gradeadas, parecia que eu olhava da janella de um carcere para o pateo interior de uma prisão, nada faltava sinão ver por detrás das grades das janellas os rostos desesperados dos presos.

— Mercedes devia ter notado que aquella lugubre visinhança não fazia em mim boa impressão, pois que puxou-me da janella conversando alegremente e levou-me para seu quarto, que ficava do outro lado do corredor, defronte do meu. Então Mercedes me falou de seu pae, o general Ribera, e de seu irmoã, que parecia ser um vadio e um homem grosseiro. Todavia nas palavras de Mercedes não havia severa censura ao procedimento de seu irmoã, mas só compaixão pela sua perversão moral.

Reciosamente esperava eu o primeiro encontro com o pae de Mercedes. Resolvi recebê-lo friamente e por esse modo protestar contra minha violenta leva á sua residencia. Não se passou muito tempo, e ouvimos passos na escada e no corredor.

— E' meu pae, disse Mercedes, baixo.

E logo depois se abriu a porta de meu quarto, e o general entrou. Era uma figura notavelmente alta, e imponente, com longos cabellos grisalhos, que lhe cahiam em cachos sobre os hombros. Seu rosto tostado do Sol tinha traços regulares, sem nenhuma expressão dura; podia-se chamar classicamente bello. Menos bello eu



Surprehentes Resultados!

Dr. Luiz Costa, medico pela Faculdade de Medicina da Bahia, especialista em molestias dermatologicas e syphiliticas.

Attesto que tenho empregado por varias vezes o **Elixir de No-gueira**, do pharmaceutico João da Silva Silveira, em todas as formas syphiliticas, tirando sempre os mais surprehentes resultados.

Fortaleza (Ceará), 30 de Agosto de 1913.

Dr. Luiz Costa.

achei, porém que o general me viesse fazer a primeira visita com a roupa coberta de poeira, de botas e esporas, e não julgasse valer a pena mudar de roupa antes.

Levantei-me quando o general entrou e dei alguns passos a seu encontro.

— Seja muito bemvinda, senhorita, — disse elle, aproximando-se de mim.

Extendi-lhe muito friamente a mão. Elle tomou-a, e levou-a aos lábios.

— Como podes beijar a mão, D. Ribera, — disse-lhe eu — esta mão que já tantas vezes se tem cerrado cheia de colera, de justa colera contra os crimes de seu amigo Urbina, do presidente?

O general sorriu.

— Não se irrita, senhorita.

— Devemos eu e meu irmão, soffrer calados todas as injustiças, que se nos tem feito?

— Injustiças? E' injusto condemnar um réo de alta traição?

— E' alta traição expobar a um tyranno suas injustiças? Quando se lhe diz cara a cara que a expulsão dos jesuitas é uma vileza? Que as dominicanas são esposas de Christo, e não mulheres perdidas para os soldados? Que o povo não pode e não quer supportar por mais tempo um tal insulto e ultrage de sua fé, de seus antigos usos e costumes? Chama a isso alta traição, D. Ribera? E que fiz eu ao presidente, para que me mandasse arrastar para o carcere, e agora para aqui?

— Senhorita, sua memoria parece abandonada. Quem sublevou a metade de Quito, para libertar seu irmão?

— D. Ribera, chama sublevar metade de Quito, ter eu pedido a alguns amigos de Garcia, que se interessasse em por meu irmão preso?

— Sabe-se disso, senhorita. Quem tramou a conspiração contra a vida do presidente?

— D. Ribera, isso é uma calumnia inventada por Urbina, para perder-me e a meu irmão. Nem Garcia nem eu jamais tramámos conjurações. Somos Catholicos fiéis, sr. General, e para essas a vida do chefe de Estado é sagrada, ainda que seja um infame!

Um sorriso cynico passou pelos labios do general.

— Deixemos a politica, senhorita; a senhora mesma já viu quanto ella é escabrosa. Demais, creio, que não lamentará ter trocado o carcere por minha casa de campo. E isso, senhorita é obra minha. O irmão do general Franco, em Guayaquil, votou por sua morte, e de seu irmão, eu tive pena, apresentei-os como obcecados mar-

tyres politicos, que na prisão se acalmam. E para lhes alliviar o carcere, movi o presidente a mandal-a para minha casa sob minha segura guarda.

Vi pelo ar do general, que era mentira. Mas não dei mostras de não acreditar em suas palavras. Demais elle saltou logo com outro assumpto, visivelmente receioso de ser apanhado por mim em uma inverdade. Por isso a conversa tomou outro rumo.

— Pelo que vejo, — proseguiu elle, — já tomou conhecimento com Mercedes, senhorita. Estimo, e espero, que isso seja a base de uma duradoura amizade. Oxalá sinta-se bem aqui!

Peço-lhe, senhorita, que considere minha casa como sua.

Pouco depois o general deixou-nos.

Que a impressão, que em mim fez o general, não era favoravel, é escusado dizer. Sua amabilidade era tão affectada, que me repugnava mais do que uma franca impolidez. Eu me considerava como um cordeiro, que primeiro se afaga e anima antes de matar-o.

O irmão de Mercedes não era diferente do que eu tinha imaginado pela descrição de sua propria irmã. Importuno e indiscreto, seus gracejos grosseiros alternavam com galanteios ainda mais grosseiros; em summa, seu procedimento enjoava-me ainda mais do que o de seu pae, o general. Quão diferente era Mercedes! Tanta cordialidade e bondade havia em seu modo que eu me sentia verdadeiramente attrahida para a querida menina.

Assim se passaram dias e semanas.

Froilán, o irmão de Mercedes, raramente eu via, o que me era muito agradável; elle estava sempre ausente; o que elle fazia era para mim naturalmente muito indifferente. Quando estava presente só tinha olhos e ouvidos para mim, suas attentões eram exclusivamente para mim, de modo que apezar da minha mocidade eu não podia desconhecer seus intuitos. Não posso exprimir quanto nojo me causavam suas importunidades; tornaram-se com o tempo tão intoleraveis, que tratei-o mesmo com descortezia, para que me deixasse em socego. Foi tudo em vão.

Um dia entrou Froilán em meu quarto, onde por acaso eu estava só; Mercedes, que costumava estar sempre a meu lado como meu bom anjo da guarda, tinha ido aos fundos da casa tratar de alguma coisa. Sem esperar permissão entrou o impudente. Hesitou um momento como meditando o que devia dizer, e depois ajoelhou aos meus pés.



A galante Lygia Maria, filha do sargento Dorval Antonio Ramos.

Levantei-me espantada, e recuei alguns passos.

— Que faz, D. Froilán? Levante-se!

— Sente-se, senhorita, e deixe-me a seus pés.

— Não admitto esse procedimento em minha presença!

— Senhorita, não se finja tão zangada.

— Não sou fingida para ninguém.

— Quanto é bella, mesmo quando simula a colera!

— Não tolero suas lisonjas; Que pretende aqui?

— Bem o pôde imaginar, senhorita Helena.

Sacudi a cabeça.

— Não tenho a menor suspeita do que o trouxe tão repentinamente á minha presença!

Não?

Como é cruel, senhorita, obrigando-me a dizel-o eu mesmo.

Dizendo isso levantou-se e dirigiu-se para mim. Tomou-me a mão, que eu immediatamente retirei.

Porque me retira sua querida mão? Precisaréi dizer-lhe que delicia é para mim apertar na minha uma tão macia mão como a sua?

Tanta protetoria era realmente de mais.

Virei com desprezo as costas ao insolente.

— Si esse é o fim de sua vida, podia ter-se poupado esse incommodo. Peço-lhe que se retire!

Bárbara, como pode brincar com meu coração! Retire-se!

Eu estava indignada de tanta impudencia.

— Ir-me? Senhorita, quer mandar-me embora, quando vim abrir-lhe meu coração...

— Retire-se, D. Froilán, não quero ouvir mais nada.

— Ha de ouvir-me, senhorita...

— D. Froilán, não se esqueça que está no quarto de uma senhora!

— Que só a mim e a meu pae deve agradecer não estar agora deitada no carcere...

Indignação e dôr combatiam-se dentro em mim, de sorte que me senti incapaz de responder. Dessa momentanea perturbação aproveitou-se o impudente villão e enlaçou-me em seus braços.

— Eu amo-a, senhorita, ainda não percebeu?

— Esse infame atrevimento fez-me recobrar a firmeza.

Fôra daqui, retire-se da minha presença, insolente!

Mas seus braços apertavam-me com força tanta, que eu não podia soltar-me de seu abraço.

Com toda a força de uma mulher cheia de vergonha e indignação empurrei de mim o insolente libertino, que cambaleando recuou um passo.

Mas, ai de mim! tinha me esquecido, que lidava com uma fera em figura humana. Com um grito inarticulado precipitou-se o furioso sobre mim, e senti a pancada de seu punho em cheio no meu rosto; lembrame ainda que cahi de costas no chão, e bati violentamente com a nuca no duro terraço. Depois envolveu-me a noite, e perdi os sentidos.

Quando recuperei a razão, estava deitada em meu leito e perto de mim estava Mercedes a chorar. Durante dias estive entre a vida e a morte, pois uma violenta febre nervosa foi a consequencia da commoção soffrida. Porque não morri? Quantas dores me seriam poupadas! Mas Deus me quiz purificar pelo soffrimento, para tornar-me uma digna filha de S. Francisco.

(Continúa.)



IDA, linda filhinha do nosso amigo
Cap. Angelo de Mello

Que é a patria? É a paridade de gostos e de costumes, communição de lingua, cohesão de leis, identidade de condições physicas e moraes, coparticipação das mesmas lembranças e das mesmas esperanças. Quem não comprehende nem sente esta tendencia e esta necessidade moral não tem alma.

Venham para nós todos os brasileiros que sintaem dentro dos seus peitos o Brasil! A grande Patria accéita todos os credos: só não accéita os que nada creem.

Negar a patria é negar toda a vida social e moral. A patria é um êto, que se liga, intermedariamente, com estes dous outros êtos: a familia e a humanidade. Negar um dos anéis, é negar os outros. Quem não concebe a idéa da patria não concebe a do lar, nem a da solidariedade humana. Sem patria e portanto, sem familia e sem sociedade, o homem: annulla-se.

Sejamos fortes, para que sejamos bons; de modo que o Brazil, sendo já uma maravilha do mundo pela sua formosura natural, venha a ser uma gloria da civilisação humana, pela sua ordem, pela sua energia, pela sua misericordia.

YOÃO BELEM, o consagrado vate conterrâneo, está escrevendo uma peça regional que, por certo, alcançará extraordinário successo. Por nimia fineza, que muito nos captiva, J. Belem, por intermedio de um nosso prezado amigo de Santa Maria, honra *Pindorama* com a publicação dos bellos versos que se seguem e que fazem parte da sua brilhante peça gaúcha.

O GAUCHO

Gaúcho sou! Eu nasci
Na terra dos farroupilhas
Ao vento e á chuva cresci,
Dormindo pelas coxilhas.
Quando do alto derrama
A lua seu doce brilho,
Dos pellegos faço a cama,
Por traverseiro—o lombinho.

Deixando a fôite seguir
Seu caminho, enluarada,
Eu só desperto ao sentir
Os beijos da madrugada.
Então, levanto-me e ensilho
Meu pingo, que é de se ver!
Mal eu lhe encosto o lombinho
Já está prompto p'ra correr.

E' um pingo que não se vende.
Tem-me amizade. Parece
Que até o bicho comprehende
Quando algum mal me acontece.
Certa vez eu adoeci,
Passou dias sem me ver
Pois quando lhe appareci,
Rinchou, rinchou de prazer.

Vi eu, então, que um cavallo,
Que não vive no abandono,
Dês que lhe saiba tratá-lo
Emprega amor em seu dono.
E amor sincero, innocente,
Como a Natureza o fez,
Não é como o amor da gente
Que muda de quando em vez.

O gaúcho riograndense
Que, rindo, affronta o perigo,
Cada vez mais se convence
De que o cavallo é um amigo.
Na paz, no campo trabalhá,
E' um operario do Bem.
Na guerra, ao som da metralha,
Arrisca a vida também.

Entretanto o que é verdade
E' que um tal invento novo
Mudando está, sem piedade,
Costumes do nosso povo.
Eu, porém, não sinto abalo
Com os automoveis de luxo!...
Não troco por meu cavallo,
Não troco, que sou gaúcho.

Anda mais rapidamente
E' certo, é certo, não cansa...
Mas é um troço em que a gente
Não pode ter confiança.

Bufando como uma fêra
Corre o bicho, lindamente,
Mas quando menos se espera,
Encrenca e não vai p'ra frente.

Emquanto o cavallo baio
Em que ando, de colla atada,
E' ligeiro como um raio
E nunca encrenca na estrada.
Auto melhor do que o meu
Ninguem tem, nem se imagina...
Nunca arrebeta um *puco*,
Nunca falta gazolina.

J. Belem

Santa Maria, fevereiro de 1927.

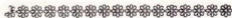
Dona Musa enloqueceu! ☉

Especial para "Pindorama"

Era uma linda mulher a Dona Musa,
Tão linda tão gentil, casta e severa
Cheia de adornos e graças.
E tão sisuda era
Que, parece *pirraça*.
Parece até que se abusa,
Em dizer que media
Com um metro as palavras!
Gostava do luar,
A musica a estasiava,
E o doce verbo Amar
Seguido conjugava.
Calma e serena, nunca abandonava
Dois objectos preciosos
Um era o metro, outro Rima chamava.

Mas um dia oh, tristeza!
Dona Musa occordou toda fremente,
Sentindo calafrios, sentindo ardencias,
E uma certa aspezeza
Na voz.
Como demente
Ensaíou certos passos endiabrados,
Fazendo piruetas
E os feics companheiros da sua vida,
O metro e a Rima, foram espedaçados
E a Ode, o Soneto, o Madrigal,
Que eram filhos queridos,
Sem piedade feridos,
Atirou para longe, em um barral!

Anna Libonati Avena.



PARIS-HOTEL

de OSCAR LUCHSINGER
LAVRAS

Dispõe de automoveis para a conducção de passageiros de São Sebastião a Lavras e vice-versa

— FUNDADO EM 1909 —

O Regimento de Dragões do Rio Pardo

Na expansão geographica do Rio Grande do Sul

(Continuação)

Quaes eram elles? Que impressão lhe suggerira, a terra despoçada, mas verde e bella, em cujo seio fecundo, como de raizes de arvore frondosa, brotariam os primeiros rebentos dessa raça, amalgama admiravel do açorian e paulista, do lagunista e do colonista?

Andámos carinhosamente ás vezes, outras furiosamente como traças, desdobrando papeis rendilhados de que voava um pó luminoso, procurando-lhes os nomes, os minimos detalhes característicos. Achamos algumas notas. Aqui ficam. Vieram em 1737, para o Estreito, fundado por Silva Paes, casados unicamente em 1º de Novembro e 26 desse mez. Foram os de Luiz de Barcellos, José da Silva, Sebastião Gomes de Carvalho, cirurgião do Presídio, João Carneiro da Fontoura, Francisco de Seixas, José Ribeiro Gomes, Antonio de Souza Fernandes, José da Costa, João Coelho, Manoel Gonçalves da Costa, Manoel Duarte, Miguel Ribeiro Gomes e poucos mais. Entre esses se destaca, pela acção nos destinos do Rio Grande, o casal de João Carneiro da Fontoura, natural de Chaves, casado com Isabel da Silva, tronco da progenie illustre que enche de asombro pela bravura admiravel mais de um seculo da nossa vida, e do qual, como veremos descendem os dragões mais denodados que honram o Regimento do Rio Pardo. Eram assim profeticas as palavras de Silva Paes. Os recrutas que esperava tirar dessas fortes raizes seriam no Regimento, a que já havia destinado, os cabos de guerra valentes e audazes, esses descendentes de casacos, que atravessavam, como os Fontouras legando á Patria para a sua defeza, não um contingente de recrutas, mas quasi um exercito de generaes, Fontouras, Camaras, Pereira Pinto, Menna Barretos, Charões e tantissimos outros que vem da Demarcação de Gomes Freire, aos dias que correm, honrando as palavras do fundador do Rio Grande do Sul.

E' incalculavel o esforço desempenhado por Silva Paes na organização do Presídio. Attendendo pessoalmente a tudo, prevendo tudo, quasi sem meios de subsistencia, percorrendo largos trechos de terra, de tremedades, donde milagrosamente se safava, numa região deserta e desconhecida: attento aos maneios dos castelhanos, as incursões dos tapes extenuados, deslocado de gente, sentindo, latente, quasi a irromper, a desordem e a insubordinação do pessoal, deve ter tido uma força moral fóra do commum para conter essa pequena tropa, sem disciplina, sem soldo, sem mantimentos, quasi nua, enfrentando a grandeza soberana do mar, entre a verdura exuberante dos capões riograndenses e a extensa planura dos arcaes cadentes!

Em Junho assim se dirige a Gomes Freire: «Rendo a V. Exa. as graças pelas remessas que me diz faz de tudo que lhe pedi para a subsistencia desses pobres soldados, que estão todos miseraveis de roupas, e a não os ter eu remediado com algumas baetas andariam alguns nús porque as repetidas passagens, mudanças e precipitados desembarques que tem tido, fez com que fossem roubados muitos uns dos outros, e os marinheiros nestas aguas envoltas fizeram o que costumam; eu os tenho modificado fazendo-lhes promptos os seus pagamentos, e o que ganham no serviço da fortificação ganhavam nessa praça, por menos, pois lhes não dou mais que um tostão por dia de trabalho; vou os animando a que brevemente teremos farinha, que é pelo que suspiram».

Depois de ter permanecido nove mezes no Rio Grande o fundador segue por terra para o Rio de Janeiro, em Dezembro de 1737. Foi um espirito forte do organizador, soldado e patriota, cujo nome está vinculada á nossa terra, que lhe deve as homenagens de seu respeito, e gratidão perenne pelos serviços relevantes que prestou ao Rio Grande, do qual jamais

se esqueceu quando no governo do Rio de Janeiro.

Organização do Regimento de Dragões

Para a organização da força militar do presídio, como vimos, nos vieram elementos da Bahia e Rio de Janeiro, além dos 37 dragões, alguns da Colonia, outros de Minas. Foi Bahia que nos forneceu maior contingente. Bahia, a invicta, Bahia, a gloriosa, mandava seu sangue, viril e forte, que, mais tarde, mesclado com o sangue dos portuguezes e paulistas, constituiria os fundamentos da nossa defeza, essa muralha inexpugnável que foi se estendendo pelo Continente até integralmente á communhão nacional.

Entre os bahianos contava-se o alferes Domingos Borges de Barros. E' interessante esse nome, no estudo da historia bahiana. Outro Domingos Borges de Barros, nascido em 1870, foi o visconde da Pedra Branca, poeta emérito, diplomata de valor. Seria provavelmente neto do alferes povoador.

Grande importancia se ligava nesse tempo aos Dragões. Era uma especie de infantaria montada. Sem ella seria inefficiente a acção da tropa no Rio Grande. Homem de largo descortino, engenheiro, estadista e soldado, de cultura superior ao nivel de seu tempo, Silva Paes ao contemplar a terra que se lhe descortinava aos olhos, as vastas planicies, os rincões verdes e o largo taboleiro das cochilhas, desdobrado numa successão interminavel, —compreendeu nitidamente que nada poderia fazer, se esse auxiliar do soldado — o cavallo — não consistisse sua maior preocupação.

Em carta de 21 de Março a Gomes Freire, depois de mostrar a necessidade que ha de que todos saibam andar a cavallo, e referindo-se á organização do Regimento de Dragões diz: «Pelo que toca ao numero de cavallos para o dito Regimento no caso de marchar

ao menos deve ser dois mil cavallos além dos que devem haver de sobresalente para peões que laçam e cargueiros pois nunca para qualquer serviço de 500 homens se escusam os ditos dois mil cavallos, os quaes ainda os não ha puchando pelos que podem haver nas estancias; porque já disse na outra que dos de S. M. que comprou Christovão Pereira, apenas chegaram 26 que com os que vieram das estancias, que se mandaram reconduzir quando aqui cheguei, não chegam a 600 por todos; sem que por agora nos possamos valer dos potrões, que esses são redomões e é preciso primeiro amansa-los, e muito mais para os nossos soldados que não estão acostumados a montar, por cuja razão estão cahindo sempre que o fazem, e as sellas e arçãos se fazem em pedaços, não tendo aqui mais que as recisas para os 60 dragões que ha.»

Teria comprehendido talvez, costumado ás luctas peninsulares, que outra seria a forma de levar a guerra aos inimigos seculares, na terra do charrua e do minuano. E teria talvez, numa antevisão épica, visto o desdobrar das guerrilhas, as fachanhas da raça cavalleira, o entrechoque das cargas de lança, e sobre o dorso dos árdegos ginetes, centauro que resurge, o gaucho intemerato, meio selvagem na sua indomável bravura, plasmado no alto verde de uma cochilha, como a estatua equestre do heróico. Que prophécia ha em suas palavras? «Eu procuro que todos saibam andar a cavallo.»

Dando noticia da organização do regimento já no governo do Rio de Janeiro, para onde fôra substituir Gomes Freire, que estava em Minas, Silva Paes escreve a este estas palavras que bem definem a sua alta visão de soldado: «Deve aquella guarnição (a do Rio Grande) por ora, se compôr do Regimento de Dragões que tão justamente V. Exa., para ali mandou, e além destes 200 até 300 infantes, para guarnecer os fortes e fortificação do districto. Sendo o dito regimento por agora livre de fachinas e só para o serviço das guardas do campo e exercicios de cavallaria, pois enquanto não estiverem acostunados todos como se serve a cavallaria na-

quellas partes, que é mui diferente do que nas outras, por mais infantaria que tenhamos não poderemos emprehender acção nenhuma que nos seja favoravel.

Era de 37 dragões o casco do regimento, tendo Silva Paes, já em agosto, conseguido incorporar a elle 60 soldados. Para formar as duas companhias das 6 de 70 homens que tivéra ordem de organizar, esperava sómente a chegada do sargento mór Thomaz Gomes que, em Santa Catharina, com clemantos de Minas e de Rio de Janeiro, esperava monção de partir para o Rio Grande. Referindo-se á Companhia que formara, noticia que dos soldados «que aqui se acham ha mui poucos que sejam capazes daquelle exercicio, tanto pela sua fraca disposição e inhabilidade como pelos seus annos e achaques».

Só em Março de 1738, com a chegada do coronel Diogo Osorio Cardoso, vindo da Colonia do Sacramento com o effectivo completo de officiaes e praças, se dá organização definitiva ao regimento. Duas aquisições preciosas conseguira este: a do alferes Francisco Barreto Pereira Pinto e a do alferes Francisco Pinto Bandeira cuja actuação nos destinos do Rio Grande será opportunamente estudada. Em Março de 38 haviam chegado mais 130 dragões, sob o commando do sargento mór Manoel de Barros Guedes que, como o grande sertanista Christovão Pereira, desbravador das terras do Continente, ligou seu nome á geographia riograndense, na lagoa dos Barros.

Privações e levante do Regimento

Não é difficil fazer uma idea dos sacrificios impostos áquelles homens, atirados num recanto da terra deserta, privados até do proprio alimento, desacostumados como estavam de comer carne sem outro qualquer condimento. Lá, de anno em anno, e ás vezes mais, apparecia na Barra uma sumaca tardia, trazendo parcos mantimentos que mal davam para minguaos dias de subsistencia. Em fardamento nem era bom pensar. Em 1742 tres annos ha-

via que os pobres soldados não recebiam roupa alguma. Pelo trabalho exhaustivo das guardas, pelos serviços de rendas, pelo arrebanhamento de gado, que era o seu sustento unico, as fardetas recebidas, logo depois do organização do Regimento, estavam em farrapos, muitos havendo que cobriam sua quasi nudez com trapos conseguidos ha muito custo.

«Faltando pão de monição pela pouca prevenção que houve se mandaria dar a cada soldado 15 espigas de milho para 15 dias, e uma abóbra para outros tantos segurando-se-lhe na frente do regimento que em chegando farinhas se lhe interaria tudo sem desconto, se lhe faltou inteiramente e querendo entrar nesse requerimento não só se lhe não admittiu mas se passaram ordens para se dar com um pão a morrer no que fallasse nisso.» Era esse o regimen do Presidio. Além das privações e da fome, dos serviços dobrados, sob as inverniadas cruéis e do castigo immediato pela minima falta, e de vinte mezes de soldo atrasado, ainda o azorrague aviltante, as maiores affrontas, os maiores doestos. «Escandalizados tambem de serem maltrados (dizem elles em sua representação ao commandante da praça) com palavras injuriasas, acotillados como succedeu ao cabo de esquadra José da Costa de Vasconcellos ficando alçado das mãos, e ao soldado João Vaz da Silva, e Antonio da Costa Soeiro, ficando tambem um de um pé e outro de uma mão, estes promovidos pelo alferes Antonio José da Gama Lobo e affrontados como succedeu ao soldado Ignacio da Costa, sendo chamado á casa do capitão Thomaz Luiz Osorio donde as portas fechadas por dois mascarados com saccos de areia e calabretes foi tão maltratado que o levaram para o hospital. Na mesma forma o alferes Rodrigo de Mendonça Furtado que commandava a guarda do corpo mandou abordar o soldado infante Christovão de Albuquerque rodado de soldados com baionetes caladas e ao soldado Sebastião Ruiz Pina fechando-o no corpo da guarda e com pão fez o mesmo».

(Continúa)

Soneto de Amor

*O nosso amor nasceu devagarinho...
Não posso bem dizer como, nem quando;
Só sei que como um capitoso vinho,
Foi nos embriagando... embriagando...*

*Primeiro, era de rosas o caminho
Que elle ia aos nossos passos desdobrando,
Mas como quem diz rosa — diz espinho,
Magoas após, foi elle nos mostrando.*

*A vereda em que vamos é sombria,
Eu sei, mas nosso amor é tão profundo,
Que nós havemos de chegar, um dia*

*Seja dos céos essa vontade ouvida,
Porque este sonho é o que me prende ao mundo,
Porque este amor é toda a minha vida!*

LUIZ EDMUNDO



Curso de preparação militar

Entre as muitas obras de real valor legadas á Brigada Militar pelo extinto commandante geral, coronel Affonso Emilio Massot, figura, talvez, entre as de mais relevancia, a criação do Curso de Preparação Militar, no qual foi reunido o Curso de Ensino, também creado pelo mesmo coronel.

O C. P. M. é destinado a dar preparo intellectual e profissional aos officiaes e sargentos da força.

Em face dos movimentos de rebeldia occorridos no Estado de 1923 para cá, o Curso só funcionou com regularidade desde sua criação em 1918, até 1923, tendo fornecido tres turmas de aspirantes, posto a que são elevados os sargentos que o terminarem, ou os que tenham um curso especial.

Os resultados colhidos pela tropa com o ingresso dos aspirantes em seu seio têm sido os melhores possiveis e são inegaveis.

Temos convicção que o actual commandante geral, sr. coronel Claudino Nunes Pereira, não medirá sacrificios para, em breve, serem reabertas as aulas do C. P. M., pois, bem conhecemos a sua boa vontade em difundir o ensino entre officiaes e inferiores, como tivemos occasião de observar no 1º regimento de cavallaria, quando do seu commando, onde fazia funcionar com a regularidade possivel um curso para os officiaes

e sargentos que o desejavam frequentar. Torna-se necessario que procuremos retribuir, dentro de nossas forças, os esforços do nosso commandante frequentando, com assiduidade e aproveitamento, as aulas do curso convencidos de que vamos aprender não só para nós como para uma collectividade sobre quem pesa grande responsabilidade perante a sociedade e da qual somos a estrutura e de que, só assim, melhor poderemos educar áquelles que nos são confiados, afim de bem cumprirem o seu dever com a Patria.

E como nos prepararmos para o bom desempenho da missão que nos é confiada pelo Brasil e pelo Rio Grande do Sul!

Frequentemos o C. P. M. com o fito de aperfeiçoarmos nosso preparo intellectual e profissional, lembrando-nos que se acha na sua direcção um homem da competencia e envergadura do sr. tenente coronel Emilio Lucio Esteves.

Oxalá entremos num novo periodo para o C. P. M. vendo uma frequencia proveitosa e sem esmorecimentos!

Terminando prestemos um preito de saudade ao fundador do curso, sr. coronel Massot, e ao professor, tenente coronel Travassos, ambos prematuramente arrancados pela morte ao seio da força a que tão bem e com tanta lealdade serviram.

1º de Março de 1927.

Aristides C. Falcetta

2º tenente, em commissão

„ PINDORAMA “

EXPEDIENTE

Revista periodica ilustrada, de publicação mensal
 Sido provisoria: ANDRADAS, 18 - Telephone automatico 4706

Directores: Capitão Antero Marcellino
 da Silva Junior e Tenente João Martins de
 Oliveira.

Secretario da redacção: Tenente Aldo
 Ladeira Ribeiro.

Assignaturas: — 15\$000 por anno

— PAGOS ADIANTADAMENTE —



Representantes de PINDORAMA

São nossos representantes nas unidades da Brigada Militar e do Exercito abaixo mencionadas, os seguintes distintos camaradas:

- 1º Regimento de Cavallaria, Santa Maria
 1.º Ten. Orcacio Alves Machado.
- 2º Regimento de Cavallaria, Livramento
 Capitão Angelo de Mello.
- 1º Batalhão de Infantaria, São Borja
 Ten. Accacio F. de Oliveira.
- 2º Batalhão de Infantaria, B. V. Erechim
 Ten. Targino Ventura Homem.
- 3º Batalhão de Infantaria, Porto Alegre
 Cap. Marcelino R. da Silva.
- 4º Batalhão de Inf. Montada, Uruguayana
 Ten. Lino José Ricardo.
- Grupo de Metralhadoras, Porto Alegre
 Ten. Theodolino R. da Silva.
- Escolta Presidencial, Porto Alegre
 Ten. Venancio Baptista.
- Hospital da Brigada Militar, Porto Alegre
 Ten. Olympio Pereira Gomes.
- 7º Batalhão de Caçadores, Porto Alegre
 Ten. Nilo Manso.
- Arsenal de Guerra, Porto Alegre
 Ten. Fredemar Muniz.
- Guarnição Federal, Santa Maria
 Ten. Fernando de Souza d'Ó.
- 9º Reg. de Cav. Ind., São Gabriel
 Ten. Alfredo Luiz de Almeida.

Sub-sector de S. Angelo, Santo Angelo
 Ten. Marino Soares da Silveira.

- 1º Corpo Auxiliar, Quarahy
 Ten. Feliciano Alberto Maciel.
- 7º Corpo Auxiliar, São Borja
 Ten. Estevam Rocha.
- 8º Corpo Auxiliar, Vaccaria
 Ten. João Carneiro Duarte.
- 10º Corpo Auxiliar, Bagé
 Cap. Galdino Barros.
- 15º Corpo Auxiliar, Rosario
 Ten. Celestino Silveira.
- 11º C. A. Camaquam
 Cap. Antonio Azambuja.
- 13º R. C. I. Lavras
 Ten. Ewerton Torres.
- 18º Corpo Auxiliar, Palmeira
 Cap. João Manoel Percira.
- 21º Corpo Auxiliar, Don Pedrito
 Ten. Bernardino G. da Silva
- 26º Corpo Auxiliar, Santo Angelo
 Cap. Conrado Abarno.
- 27º Corpo Auxiliar, Santo Angelo
 Cap. Numa P. Viñas.
- 28º Corpo Auxiliar, S. Nicolau
 Ten. Guilherme Gonçalves Pacheco.
- 36º Corpo Auxiliar, Itaquy
 Cap. Pery Faria Corrêa.
- Contingente Auxiliar, Crystal
 Ten. Saturnino Cavalheiro Ramos.
- Esquadrão Auxiliar, Pinheiro Machado
 Cap. Ary Flôr Siqueira.
- Esquadrão Auxiliar, Cangussú
 Cap. Antonio Alexandre Soares.
- Esquadrão Auxiliar, Passo Fundo
 Ten. Dorival Almeida Guedes.
- Contingente Auxiliar, Santa Victoria
 Ten. Argeu Cardoso Pereira.
- Contingente Auxiliar, Cachoeira
 Cap. Luiz Nery Pereira.
- Contingente Auxiliar, Caçapava
 Ten. Gentil M. Godoy.
- Bóia V. Erechim
 Ten. Alexandre Ramos.

Livraria Americana



Officinas graphicas para todo e qualquer serviço.

Vasto emporio de livros e objectos para escriptorio.

Agencia de publicações nacionais e estrangeiras.

Rua dos Andradas n. 411
TELEPHONE 4790
PORTO ALEGRE

Fraujo Vianna

Fabrica de Bonets Militares

Fundada em 1885

Completo sortimento de espadas e demais artigos para militares

Fabrica de bandeiras e estandartes, miudezas.

Bordados a OURO e a SEDA.

Casa das Linhas.

Remette qualquer encomenda pelo Correio.

—
PORTO ALEGRE - Andradas, 425
Phone, 4073

CASA MASSON



JOIAS, RELOGIOS, ARTIGOS DE OPTICA e para presentes. BRILHANTES SOLITARIOS e PEROLAS.

O MAIOR SORTIMENTO PELOS MENORES PREÇOS



Leopoldo Geyer & Cia.
ANDRADAS, 481
esquina MARECHAL FLORIANO

TELEPHONES — Seção de Varejo 4255
S. V. Prestações 4903

Fardamento

Confecciona-se toda e qualquer fardamento para Militar, sempre pelos minimos preços



Casa Carvalho

Rua Marechal Floriano 86

COMPANHIA
Previdencia do Sul

- (Seguro de vida) -

Incorporadores e banqueiros :

Banco da Provincia

Banco Nacional do Commercio

Segura qualquer importancia, em todas as classes conhecidas, inclusive clausula de «Incapacidade e dupla indemnisação».

- **Tabellas as mais modicas** -

Apólices as mais liberas e isentas de qualquer restricção relativas a viagem, residencia, occupação, etc.

Capital, reservas e lucros accumulados em 31 de Dezembro de 1925 :

12.375.107\$500

Sede: PORTO ALEGRE-Andradas, 309

(EDIFICIO PROPRIO)

Etzberger Irmãos & C.

Successor de Santos Rocha & Cia.

Porto Alegre

Rua Marechal Floriano, 106 e 108

Deposito: Rua Vig. José Ignacio 51 e 56

End. tel. „Etzberger“ — Telephone 4710



Ferragens, Tintas, Miudezas, Trens de cosinha, Artigos de metal, Artigos sanitarios, Machinas agrarias, Maçames, Lonas etc. etc.

ESTOPAS -- OLEOS -- EXPLOSIVOS

Armas e Munições

Alfaiataria Soares

MILITAR E CIVIL

UNICA NO ESTADO

Executam-se encomendas do interior

Confecção a capricho e com presteza

Soares, Irmãos & Cia.

429 -- Rua dos Andradas -- 429